



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DIREÇÃO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
COORDENAÇÃO DE CURSO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPUS SOUSA**

PALOMAKELLI DE SOUSA NASCIMENTO

VOLEIBOL: DO HISTÓRICO ÀS METODOLOGIAS DE ENSINO

SOUSA-PB

2017

PALOMAKELLI DE SOUSA NASCIMENTO

VOLEIBOL: DO HISTÓRICO ÀS METODOLOGIAS DE ENSINO

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso- TCC como requisito para aprovação e conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Sousa.

Orientadora: Esp. Valmiza da Costa Rodrigues Durand

SOUSA-PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Edgreyce Bezerra dos Santos – Bibliotecária CRB 15/586

N244v Nascimento, Palomakelli de Sousa.
Voleibol: do histórico às metodologias de ensino. -
Sousa, 2017.
67 p.
Orientadora: Valmiza da Costa Rodrigues Durand.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Educação Física do IFPB –
Sousa.
– Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
da Paraíba.

1 Educação física – metodologia de ensino. 2 Formação
de professores. I Título.

IFPB / BC

CDU – 796.325

CNPJ nº 10.783.898/0004-18

Rua Presidente Tancredo Neves, s/n – Jardim Sorrilândia, Sousa – PB, Tel. 83-3522-2727/2728
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Título: "VOLEIBOL: DO HISTÓRICO AS METODOLOGIAS DE ENSINO".

Autor(a): Palomakeilli de Sousa Nascimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Sousa como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

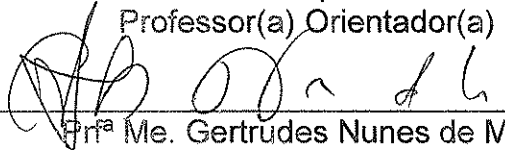
Aprovado pela Comissão Examinadora em: 05 / 10 / 2017.

Assinaturas:

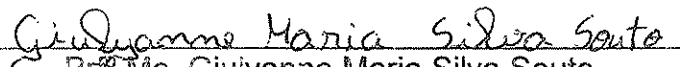


Profª Esp. Valmiza da Costa Rodrigues Durand
IFPB – Campus Sousa

Professor(a) Orientador(a)



Profª Me. Gertrudes Nunes de Melo
IFPB – Campus Sousa
Examinador 1



Profª Me. Giulyanne Maria Silva Souto
IFPB – Campus Sousa
Examinador 2

Dedico esse trabalho à minha família, minha
filha e aos meus mestres que tão
pacientemente me guiaram nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Ao SENHOR MEU DEUS por sempre me dar força na hora que mais preciso, principalmente nessa jornada para conclusão de um sonho.

A instituição de ensino na qual trilhei esse caminho de formação docente, IFPB – Campus Sousa.

A minha querida orientadora, Prof^ª. Esp. Valmiza da Costa Rodrigues Durand, que mesmo com o tempo corrido aceitou com calma, paciência e dedicação me ajudar, dando suporte nesse processo de aprendizagem.

Aos meus mestres de ensino, em especial Richardson Correia Marinheiro, que como um pai nos orientou e incentivou a buscar continuamente o conhecimento.

Aos meus familiares e amigos (são poucos), que com carinho e paciência me incentivaram nos momentos de angústia e me estimularam a nunca desistir.

Dedico minhas conquistas aos meus pais, Celestino (*in memória*) e Barbara, que com amor, carinho e dedicação sempre acreditaram que a educação leva ao futuro melhor, construindo um cidadão de caráter e respeito.

Ao meu marido, Joab Barbosa, por todo apoio e suporte nessa jornada.

A minha filha, Helyza Mareco, que nasceu no decorrer dessa batalha, e que inúmeras vezes ficou na cidade de Cajazeiras, com meus parentes, para que eu pudesse me deslocar a Sousa todos os dias em busca da realização desse sonho e futuro melhor.

“A missão de todo professor é a de bem preparar as novas gerações para o mundo em que vivem e convivem, mas também para o mundo em que irão viver”.

(Simone Selbach)

RESUMO

Na sociedade atual, falar em Educação e nos aspectos que a envolvem, é mergulhar em um emaranhado de teorias e práticas que se confirmam em muitos lugares e em outros não. Por isso, cresce a cada dia pesquisas no âmbito da Didática sobre estudos de métodos e metodologias de ensino, sobre uso de recursos para a educação e, principalmente, sobre a formação de professores. É sobre os estudos metodológicos e formativos de docentes da Licenciatura em Educação Física que se pauta essa pesquisa. De forma qualitativa e descritiva, apresentam-se um conjunto de metodologias que podem ser aplicadas ao Voleibol, um esporte coletivo que desde anos passados vem se disseminando na sociedade, ganhando aceitação e adeptos no mundo inteiro. Acreditando que a Educação Física no âmbito escolar deva a cada dia aprimorar-se e buscar novos caminhos para inserção dos seus processos, foi realizada uma revisão bibliográfica para refletir um pouco sobre o processo de formação de professores e, como os futuros docentes estão sendo preparados do ponto de vista metodológico para mediar o Voleibol em suas práticas. Apresenta-se, do ponto de vista teórico, um histórico sobre o Voleibol no mundo e no Brasil, seguido de considerações sobre formação docente, bem como dos métodos/metodologias que podem ser aplicados nas aulas de Educação Física. Acredita-se que independente do uso de qualquer uma das metodologias que são apresentadas, o foco do profissional em Educação Física deve sempre estar no sujeito de destino da sua ação docente, que deve ser reflexiva e com finalidade clara. A pesquisa se faz pertinente e pode ser o caminho para outros e mais aprofundadas inquietações científicas, uma vez que faz menção a forma como o Voleibol deve ser ensinado nas Instituições de Ensino Superior, sendo este espaço um local de grande responsabilidade na preparação dos profissionais que futuramente irão para escolas, clubes e academias, para realizarem a mediação do Voleibol.

Palavras-Chave: Educação Física, Metodologias de Ensino, Voleibol, Formação de Professores.

ABSTRACT

In today's society, speaking in education and in the aspects that involve it, is to delve into a tangle of theories and practices that are confirmed in many places and not in others. For this reason, there is a growing day-to-day research in the field of Didactics on studies of teaching methods and methodologies, on the use of resources for education and, especially, on teacher training. It is about the methodological and formative studies of teachers of the Degree in Physical Education that this research is based. In a qualitative and descriptive way, we present a set of methodologies that can be applied to Volleyball, a collective sport that has been disseminated in society for years, gaining acceptance and adherents throughout the world. Believing that physical education in the school context must be improved every day and seek new ways to insert their processes, a bibliographic review was carried out to reflect a little about the process of teacher training and how future teachers are being prepared from a methodological point of view to mediate Volleyball in its practices. From a theoretical point of view, there is a history about Volleyball in the world and in Brazil, followed by considerations about teacher training, as well as methods / methodologies that can be applied in Physical Education classes. It is believed that regardless of the use of any of the methodologies that are presented, the focus of the professional in Physical Education should always be on the target subject of his teaching activity, which should be reflexive and with clear purpose. The research is pertinent and can be the way for other and more in depth scientific concerns, since it mentions how Volleyball should be taught in Higher Education Institutions, this space being a place of great responsibility in the preparation of the professionals who in the future they will go to schools, clubs and academies, to conduct the mediation of Volleyball.

Keywords: Physical Education, Teaching Methodologies, Volleyball, Teacher Training.

LISTA DE ABREVIATURAS

EF – Educação Física

IES – Instituições de Ensino Superior

IFPB – Instituto Federal da Paraíba

FIVB – Federação Internacional de Voleibol

CBV – Confederação Brasileira de Voleibol

ACM – Associação Cristã de Moços

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Ano de inserção do Voleibol em diferentes países do mundo.....	Pág. 26
Quadro 02 – As Grandes Escolas do Voleibol e seus países.....	Pág. 28
Quadro 03 – Divisão dos Métodos em Tradicionais e Ativos.....	Pág. 47
Quadro 04 – Métodos de Ensino para os Esportes Coletivos e suas principais características.....	Pág. 52

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação da postura e execução da manchete.....	Pág. 48
Figura 2 - Ações com bola que podem ser executadas no voleibol em metodologias globais.....	Pág. 49
Figura 3 - Exemplo de aplicação de metodologias participativas e estruturalistas.....	Pág. 50
Figura 4 - Prática participativa e inclusiva do Voleibol.....	Pág. 51
Figura 5 - Técnica correta para execução do fundamento toque.	Pág. 54
Figura 6 - Rodízio dos jogadores no Voleibol.....	Pág. 55
Figura 7 - Exemplo de representação para a execução do fundamento ataque no Voleibol.....	Pág. 56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. OBJETIVOS DE PESQUISA (Geral e Específicos)	17
2.1 OBJETIVO GERAL	17
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
3. METODOLOGIA	18
4. O VOLEIBOL ENQUANTO ESPORTE COLETIVO E SUA INSERÇÃO NO MUNDO DA EDUCAÇÃO	22
4.1.O SURGIMENTO DO VOLEIBOL ENQUANTO ESPORTE COLETIVO NO MUNDO E O VOLEIBOL NO BRASIL	22
4.1.1 O Voleibol no Brasil	29
4.2 O VOLEIBOL MEDIADO NA ESCOLA	33
5. A FORMAÇÃO DOCENTE E AS METODOLOGIAS DE ENSINO DO VOLEIBOL	39
5.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	40
5.2 AS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS APLICÁVEIS AO VOLEIBOL ENQUANTO ESPORTE COLETIVO E DISCIPLINA NO ENSINO SUPERIOR	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

O Voleibol é uma modalidade esportiva praticada ou jogada entre duas equipes numa quadra retangular dividida por uma rede. A sua prática consiste na assimilação de características específicas e regradas, isso o faz um dos esportes mais técnicos do mundo. Sabendo dessas características, a autora sentiu-se aguçada a realizar um estudo sobre as possibilidades metodológicas existentes para sistematizar as especificidades desse esporte quando o mesmo é vivenciado em forma de disciplina nos cursos de Licenciatura em Educação Física.

Tal estudo apresenta relação de interesse pessoal, o Voleibol não pode ser mediado de qualquer maneira sem levar em consideração as especificidades técnicas do esporte, essa foi a inquietação que o meio acadêmico propiciou a pesquisadora no decorrer da trajetória de sua formação inicial, no curso Licenciatura em Educação Física, no INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA – CAMPUS SOUSA.

Ingressando no âmbito acadêmico, a inquietação pessoal passou a ganhar teor científico ao se observar que também nesse universo de construção do conhecimento existem algumas práticas pedagógicas ainda pautadas em ações de ensino muito tradicionais, como aponta Nascimento e Costa (2004) em seus estudos sobre as mudanças no ensino perante as reformas educacionais que se sucederam no Brasil. As preocupações de tais autores, relacionadas com a necessidade de inovar no âmbito didático e metodológico, também estão expressas na pesquisa sobre práticas esportivas de Bravo (2010, p.31), que chama “a atenção para a necessidade de adoção de novos conteúdos e de novas metodologias na relação com os estudantes ou os atletas e na organização do processo didático”.

É válido ressaltar que por conta do debate e reflexão sobre a fuga das metodologias tradicionais, se teve o fomento do surgimento de outros tipos de metodologias que devem ser do conhecimento dos docentes em nível superior, os quais propiciam a formação inicial de inúmeros discentes espalhados pelas Instituições de Ensino Superior. (CASAGRANDE; CAMPOS, 2014, p.81)

Desse modo, além de conhecer as metodologias de ensino, faz-se necessário que os professores da licenciatura, responsáveis pela formação inicial possibilitem aos seus discentes e futuros professores em Educação Física o conhecimento teórico-metodológico sobre elas, a partir de atividades práticas com uso de técnicas específicas. Nesse sentido, é importante que os docentes possam apresentar as diferentes metodologias de ensino a serem aplicadas ao

Voleibol, para que ações negligentes não sejam evidenciadas com tanta frequência como ocorria antes da instalação do movimento crítico reflexivo no âmbito dos conteúdos da Educação Física e Metodologias de Ensino, por volta da década de 1980. (CASAGRANDE, 2012, p.28)

Outro aspecto que se considera importante na pesquisa é o número reduzido de publicações em literatura específica (artigos em eventos, artigos de revistas científicas, artigos em coletâneas de livros, livros no geral, ensaios e resumos e outros tipos de publicações), que tenham como foco essa temática voltada para o Ensino Superior. Nesse sentido, acredita-se que se estará contribuindo no âmbito científico de pesquisa ao se atentar tanto para as questões de teor didático metodológico, quanto para as questões que viabilizam o desenvolvimento do Voleibol.

O que se destaca nessa pesquisa, com relação às vivências passadas e acadêmicas (atuais), explica e constitui um processo em cadeia, onde ao não se mediar metodologias possíveis e de forma correta na formação de professores, muitos docentes das Instituições de Ensino Superior (IES) acabam colaborando com certo negligenciamento do Voleibol ensinado pelos professores em formação.

Dito isso, acredita-se que se faz necessário uma boa organização e planejamento das aulas, pensando em uma formação de professores capaz de mediar e/ou introduzir o Voleibol dentro de suas práticas esportivas escolares. É nesse ponto, e baseado nas poucas investigações existentes nessa área temática, que se enxerga a problemática da pesquisa, destacando que muitos professores do Ensino Básico não conseguem mediar corretamente a disciplina de voleibol nas suas instituições escolares devido às dificuldades metodológicas e problemas na formação.

A preocupação com a formação de professores em Educação Física surge do fato de que em muitas IES a prática do voleibol a partir de técnicas específicas é negligenciada, causando problemas na formação do estudante. Acredita-se ser um erro a não instrução, perante todas as metodologias capazes de serem aplicadas na mediação do voleibol, metodologias que devem ser utilizadas nas aulas formativas, ensinando a ensinar e/ou praticar essa modalidade.

Pensando no estudante em formação e nos seus futuros alunos, sobre as metodologias, entende-se que o mais importante não é necessariamente a prescrição, a receita, o caminho pronto, mas o estabelecimento e descrição de diversas possibilidades de trabalho com a modalidade esportiva em questão, podendo a partir das possibilidades iniciais, surgirem novas metodologias de trabalho.

Ao se tratar das propostas metodológicas para a mediação de conhecimento sobre o Voleibol no âmbito do Ensino Superior entre docentes e discentes em formação, pensou-se desde início que, independentemente das propostas que a literatura irá revelar, o resultado final deva ser a aprendizagem dos alunos que estão recebendo tais direcionamentos. Levando em consideração também as vivências experienciais da graduação, é que se pode pensar que as propostas metodológicas mediadas nos cursos de formação de professores devem atentar para a realidade de inserção de cada um dos futuros professores de Educação Física, que irão ensinar o Voleibol em suas respectivas escolas, clubes e estabelecimentos afins.

Na prática do Voleibol, o professor precisa expor de forma clara os objetivos e percursos metodológicos que estão sendo aplicados, assegurando aos discentes uma formação profissional didaticamente e pedagogicamente coesa e com práticas de execução mais seguras aos primeiros anos de mercado de trabalho que sucederão a formação docente, para que se formem professores que realmente atuem como educadores e que a disciplina possa tornar-se um espelho do professor que a instituição quer formar.

Conforme exposto, esse estudo justifica-se pela necessidade de refletir sobre as propostas metodológicas vinculadas ao Componente Curricular de Voleibol que são possíveis de aplicação no Ensino Superior nos cursos de Educação Física, para que os profissionais formados possam trabalhá-las no âmbito das suas carreiras como futuros professores no Ensino Básico. Em outras palavras, busca-se evidenciar as metodologias que ensinam a ensinar o Voleibol.

Acredita-se que a relevância de tal pesquisa está pautada nas contribuições para a Educação, bem como para a Educação Física Escolar, tendo como atividade mediadora a prática do Voleibol. Ao refletir sobre Metodologias de Ensino oportunizam-se aos leitores da pesquisa novas formas exploratórias que poderão ser colocadas em prática. Pode-se também estar desmistificando algumas concepções que alguns profissionais podem ter consigo no tocante ao uso de determinadas metodologias e, assim, propiciar a utilização de metodologias pouco exploradas.

Ao longo da composição textual, apresentam-se capítulos que correspondem aos objetivos específicos e metodologias estabelecidas, sendo que além do destaque para as metodologias, procura-se dar ênfase ao histórico sobre o vôlei, destacando sua inserção no viés educacional.

Em um primeiro momento, se buscou contextualizar o leitor quanto aos momentos históricos evidenciados pelo Voleibol enquanto modalidade esportiva coletiva, que se insere no mundo educacional e passa a carecer de metodologias e didáticas de ensino, bem como de

professores para atuarem tanto na sua mediação, quanto na mediação de outros esportes coletivos.

Nos momentos sequenciais, faz-se uma explanação sobre as metodologias de ensino que podem ser aplicadas no Ensino do Voleibol enquanto disciplina, dando um foco às metodologias que podem ser aplicadas no âmbito do Ensino Superior, já que esse é o foco principal de tal pesquisa.

Explorar as metodologias no Ensino de Voleibol no âmbito superior possibilitará ao profissional em formação uma nova visão sobre tal prática esportiva, de modo que, práticas inconsistentes na sua mediação sejam evitadas no seu direcionamento no Ensino Básico. Essas práticas mencionadas (descaso com itens relacionados à História do Voleibol, teorias desse esporte, organização tática em quadra, regras para prática, instruções para o alto nível, outros fins) é algo que pode ser contornado pelos professores uma vez que eles conheçam as propostas metodológicas adequadas principalmente para superar os problemas recursais e estruturais que irão se deparar no dia-a-dia de sua profissão.

2 OBJETIVOS DE PESQUISA

2.1 OBJETIVO GERAL

Discutir sobre a importância dos processos metodológicos do voleibol nas aulas da disciplina nos Cursos de Licenciatura em Educação Física.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer as metodologias aplicáveis à disciplina de voleibol no Ensino Superior.
- Descrever algumas metodologias que podem ser utilizadas no ensino de voleibol.
- Refletir teoricamente sobre as práticas pedagógicas/metodológicas que podem ser aplicadas nas aulas do Componente Curricular de Voleibol, no âmbito do Ensino Superior nos cursos de Licenciatura em Educação Física.

3 METODOLOGIA

Seguindo um padrão normativo, será apresentada a seguir a classificação ou enquadramento da metodologia que se estabeleceu para a pesquisa. A metodologia será descrita como a mesma pode ser entendida quanto a sua abordagem (tipo de Método), quanto a sua natureza (aplicabilidade), quanto aos seus objetivos (se explora, descreve, ou explica algum fenômeno) e quanto aos seus procedimentos (coleta de informações e dados), tendo como base o texto organizado por Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (2009) e outros autores que debatem os métodos de pesquisa. É válido deixar claro que não são enquadramentos finitos e, sim, a essência científica que dá um norte para autora pesquisar. A pesquisa pode permear por Métodos e classificações distintas.

Como critério para seleção das referências, buscamos livros, teses e dissertações que apresentassem uma reflexão coesa e atual sobre as questões do histórico do Voleibol e suas metodologias de ensino. Mas, devido a pouca produção nessa área, inserimos também alguns artigos científicos de revistas eletrônicas e de anais de eventos, procurando sempre seguir o mesmo padrão de coesão e riqueza de informações que nos servisse como embasamento.

Então, o levantamento bibliográfico e documental foi realizado em livros, teses, dissertações, monografias, anais de eventos, relatórios de estudos e de campo sobre o tema escolhido para a pesquisa, em plataformas governamentais, banco de dissertações e teses, bibliotecas, e revistas eletrônicas.

No que diz respeito ao método, a pesquisa configura-se dentro do Método Qualitativo que “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização,” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31) ou de um fenômeno. Para Minayo (2009, p. 21), este tipo de pesquisa responde a questões muito particulares postas na sociedade, se ocupando então das questões sociais com níveis de análises bastante apuradas e profundas.

Esse método apresenta mais de um século de existência e na atualidade se encontra amplamente difundido em várias áreas do conhecimento. O método qualitativo apresenta momentos distintos de evolução que vão desde o fim do século XIX até a contemporaneidade vivenciada (RAMIRES; PESSÔA, 2013, p. 23-27), podendo ser concebida como:

Um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social;

trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. (NEVES, 1996, p. 01).

Conforme Alves (2017, p. 136), “as técnicas que esse método de pesquisa disponibilizam são inúmeras e apresentam um enfoque indutivo, que valorizam assim o significado que os sujeitos pesquisados agregam aos acontecimentos em um conjunto de ambiências”. Sua aplicação enfatiza a necessidade de estabelecimento de um recorte temporal-espacial para análise, descrição ou explicação dos fenômenos (GODOY, 1995, p. 62).

Na execução desse tipo de método o pesquisador acaba captando os fenômenos conforme os relatos dos pesquisados, ou como no caso dessa pesquisa, conforme as colocações realizadas pelos autores que realizaram suas considerações dentro da perspectiva de pesquisa em metodologias para o Ensino de Voleibol no Ensino Superior. Conforme Silva (2016, p.54), o pesquisador que utiliza esse método cria momentos para o surgimento de informações que não estavam previstas inicialmente. E por conta disso, passa a valorizar ainda mais os significados que surgem no momento da coleta de dados, preocupando-se com diversos aspectos como crenças, valores e posicionamentos políticos e étnicos, condições socioeconômicas e aspectos de outra natureza.

Dentro desse método, quanto a sua natureza, a pesquisa se configura como uma Pesquisa Básica e Pesquisa Aplicada, sendo que a primeira natureza “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 34); e a segunda natureza “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35).

Esta pesquisa tem utilidade universal por se tratar de apresentar metodologias para a mediação do voleibol, atende também a essa visão prática, executável, de solução e desmistificação de alguns conceitos. E, por esses motivos, a sua classificação permeia dois tipos de natureza, o que pode ser contestável, mas que muitos autores já defendem.

No tocante ao objetivo de pesquisa, está dentro das pesquisas de teor teórico reflexivo, descritivo e exploratório. Para Severino (2007, p. 123), a pesquisa exploratória levanta informações sobre objetos e sujeitos, podendo até ser uma preparação para as pesquisas explicativas, que de fato registram e analisam os fenômenos, objetos e sujeitos. As pesquisas de caráter descritivo possibilitam ao investigador enumerar uma série de informações e a partir

destas realizar as especificidades que cada método determina (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35).

Sendo assim, o método inicial é qualitativo, após a descrição, a autora passa a efetuar abordagens exploratórias (teóricas reflexivas), analisando as informações dispostas no material literário utilizado como revisão bibliográfica.

Dentro do método qualitativo, no tocante aos procedimentos, a pesquisa se encaixa no grupo de Pesquisa Bibliográfica, definida por Fonseca (2002, p. 32) como um “levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. Ainda para tal autor,

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Sendo mais objetivo, Severino (2007, p.122) menciona que a Pesquisa Bibliográfica,

É aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, e etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados.

No caso dessa pesquisa, como já mencionada nas partes introdutórias, observa-se que existem poucas publicações dentro da temática. Então, justifica-se utilizar dentro da proposta qualitativa, esse meio termo entre a descrição e exploração dos dados e referências encontradas no cenário da pesquisa científica sobre as metodologias de ensino do Voleibol nos espaços de Ensino Superior. Acredita-se que esse tipo de abordagem permite a partir das colocações que já se encontram postas, formular novas problemáticas e conjunto de hipóteses para pesquisas sequenciais a esta.

Esse pensamento é corroborado por Oliveira (2011, p. 21) e Gil (1999) que consideram que:

A pesquisa exploratória tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Segundo o autor, estes tipos de pesquisas são as que apresentam menor rigidez no

planejamento, pois são planejadas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.

Essa abordagem que se pretende dar a pesquisa possibilita dentro dessa perspectiva valorizar todo e qualquer aspecto que venha a interferir na escolha e aplicação de metodologias para a mediação do componente curricular de voleibol. Conforme Godoy (1995, p. 21), “partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos”, ou técnicas e, por isso, desde o início se menciona que essas classificações e usos de métodos não são finitos.

4. O VOLEIBOL ENQUANTO ESPORTE COLETIVO E SUA INSERÇÃO NO MUNDO DA EDUCAÇÃO

Esse capítulo tem como objetivo apresentar um breve panorama no que diz respeito ao Voleibol no cenário internacional e nacional (brasileiro). Este, que é considerado um esporte coletivo, em essência configurada como uma disputa entre equipes, desde o seu surgimento até os dias atuais apresenta-se em constantes mudanças visando uma maior adesão, seja de praticantes, de público nas arenas onde são disputados os campeonatos, ou telespectadores via TV e redes de computadores.

O Voleibol, também já chamado de Faust-Ball ou Minonette, tem suas raízes nos contingentes europeus e americanos, ganhando o mundo após a massificação dos esportes coletivos perante as diversas classes sociais. No mundo, massifica-se a partir dos anos de 1900, e hoje se configura como um dos esportes mais praticados no mundo inteiro, coordenado internacionalmente pela Federação Internacional de Voleibol (FIVB) e via federações nacionais de cada país praticante.

Após apresentação, o breve histórico dessa modalidade coletiva no mundo e no Brasil, faz-se nesse capítulo algumas considerações sobre a inserção do mesmo no viés educacional, com o propósito de descrever como o mesmo é entendido enquanto prática nas atividades de Educação Física nas escolas.

4.1 O SURGIMENTO DO VOLEIBOL ENQUANTO ESPORTE COLETIVO NO MUNDO E O VOLEIBOL NO BRASIL

Na atualidade, o esporte “é, dentre as várias manifestações humanas, uma das maiores e mais importantes, com grande notoriedade em várias instâncias sociais. Sua abrangência recobre todas as camadas sociais e esferas de poder, e, ainda, variada faixa etária” (CASAGRANDE; CAMPOS, 2014, p. 78). O mesmo pode ser praticado de forma individual e/ou coletiva, sendo que é um dos tipos ou formas que exigem uma maior socialização que remete as relações interpessoais, para a obtenção de um objetivo, a vitória.

Conforme Bravo (2010, p.16):

O desenvolvimento de boas relações interpessoais é um dos objetivos decisivos da Educação Física e do Desporto na formação dos jovens. Os seus contributos podem estender-se a contextos diversos, tais como: facilitação das relações com a família e com os amigos, à relação com o professor e

com os colegas, com grupos sociais aonde se vai inserindo e com a comunidade como um todo. Educar para a responsabilidade e para a cooperação parece indispensável na formação dos jovens.

Nesse sentido os esportes coletivos passam a contribuir com o desenvolvimento de toda e qualquer pessoa que através da Educação Física se insira nas suas práticas. São inúmeros os esportes coletivos amplamente praticados no mundo inteiro principalmente com intuito de maior sociabilização e desenvolvimento das questões cognitivas e motrizes.

De origem secular, os esportes coletivos marcam a história das civilizações, por fascinarem de maneiras distintas pelas ações corporais plásticas e pelo esforço humano, uma vez que “requerem coordenação das ações, com colaboração dos jogadores, para uma execução louvável da ação esportiva” (OLIVEIRA, 2015, p. 16). Para autores como Teodorescu (2003, p. 23), a ação desportiva coletiva que pode ser vista com nomenclaturas como Modalidade Esportiva Coletiva, Desporto Coletivo, Jogos Desportivos Coletivos, ou Prática Desportiva Coletiva,

representa uma forma de atividade social organizada, uma forma específica de manifestação e de prática, com caráter lúdico e processual, do exercício físico, na qual os participantes (jogadores) estão agrupados em duas equipes numa relação de adversidade típica não hostil (rivalidade desportiva), relação determinada pela disputa através da luta com vista à obtenção da vitória desportiva, com a ajuda da bola (ou de outro objeto de jogo), manobrada de acordo com regras pré-estabelecidas.

Coincidência ou não, é com relação principalmente ao objeto utilizado na prática esportiva, que se encontram algumas modalidades que hoje se difundem nas massas sociais, as mais conhecidas e, de certo modo, as que são mais praticadas, devido o tempo de surgimento. Utilizando a bola, de tamanhos, pesos e com designers gráficos diferentes, se tem o futebol que surge ainda no século XIX, e, em seguida, o Basquete, o Handebol e o Voleibol, que surgem já no século XX. No Brasil e no mundo, esses esportes coletivos citados têm a adesão desde as massas mais vulneráveis das populações até aquelas mais privilegiadas economicamente, ou seja, são esportes de massa (CASAGRANDE, 2012, p.34-35).

Ainda sobre suas semelhanças, alguns autores como Greco (1998), Mendes, Matos, e Pinho (2010, p. 07), mencionam que os esportes coletivos apresentam composições similares, quase sempre com a presença de itens como: alvo, terreno, participantes, adversários, objetivo e regra. De maneira geral, o que pode ser uma explicação para a grande adesão aos esportes coletivos são geralmente essas características no que diz respeito aos itens utilizados, aos objetivos e regras para o alcance dos objetivos, a escolha dos parceiros para prática, bem

como determinação dos adversários e os contrastes situacionais que passam a ocorrer nas práticas esportivas (alternância de comportamentos nos momentos de vitórias parciais ou completas, bem como de derrotas parciais ou completas).

Não se renega que nos esportes coletivos em geral, desde o surgimento, sempre se levou em consideração condição social/econômica das pessoas e a capacidade física, o que no passado foi motivo de exclusão e responsável pelo pensamento de novas modalidades esportivas. Em uma dessas situações, como se vê, surge o Voleibol.

Bourdieu (1983, p. 139) sendo mais historiador nas considerações sobre a adesão aos esportes coletivos menciona que tal massificação se dá graças à distinção do jogo coletivo praticado pela elite, para o jogo popular praticado pelas populações menos abastadas economicamente ou inferiores as elites locais. Ainda sobre essas diferenciações pautadas no nível social, o autor menciona que:

Para caracterizar os princípios desta transformação, pode-se dizer que os exercícios corporais da “elite” foram separados das ocasiões sociais ordinárias às quais os jogos populares permaneciam associados (festas agrárias, por exemplo) e desprovidos das funções sociais (e, a fortiori, religiosas) ainda ligadas a vários jogos tradicionais (como os jogos rituais praticados em muitas sociedades pré-capitalistas em certas passagens do ano agrícola). (BOURDIEU, 1983, p. 139)

O que se pode considerar através das palavras de tal autor é que o esporte mesmo segregado por questões econômico-sociais procurava de certa maneira ser laico perante os ritos e tradições religiosas e campesinas, isso marcam a diferenciação a princípio do esporte de elite com o esporte popular.

Outro fator, como já citado, que criava condições de segregação e que impediam a prática esportiva por conta de grupos com faixas etárias de idade mais avançadas, era o limite da força física, o limite do corpo. O próprio Voleibol, que surge, efetivamente¹, nos anos de 1895, apresentou-se com o intuito de permitir a ação esportiva para tipos físicos corporais diferentes dos que possuíam aqueles que praticavam Basquete ou Futebol, e que atendessem as condições físicas das pessoas mais idosas.

Sobre as condições físicas para a prática esportiva coletiva Balbino (2005, p.18) afirma que:

¹Existem alguns relatos que remetem ao surgimento de algo bem semelhante ao que é o Voleibol, e o que foi nos seus primórdios Americanos, nas imediações do território alemão e italiano, chamado inicialmente de Faust-Ball, e praticado por militares. Porém a idealização e nomenclaturas ao novo esporte massificou-se por meio da proposta do professor William G. Morgan (BIZZOCCHI, 2000, p. 17).

A relevância e o foco das capacidades físicas que dão base à construção da forma específica e que permitem à manifestação ótima das habilidades específicas, a aciclicidade das ações, as execuções da técnica em diferentes posições de equilíbrio, o dinamismo da tática e suas exigências psicofísicas para o desempenho de equipe, a alternância de ritmo das ações, ora com esforços intensos, ora com períodos de pausa, conferem aos jogos desportivos coletivos características específicas que os diferenciam de outros conjuntos de modalidades esportivas.

É com base nessa referência de que cada esporte coletivo apresenta mesmo dentro de semelhanças, suas próprias peculiaridades, que se contextualizará o surgimento do Voleibol, que é considerado por muitos “o mais coletivo, pelo fato de não poder reter a bola, segurar ou parar a bola como acontece em outros esportes, criando uma interdependência muito grande entre os jogadores estabelecendo que a cooperação seja o valor de maior destaque” na sua aprendizagem (SANCHES, 2014, p.16).

Conceitualmente se pode conceber o Voleibol como um esporte de origem europeia, adaptado pelos americanos, “apresentando na sua essência o jogo, fator que socioculturalmente motiva e estimula as pessoas, mostrando-se muito favorecido e propício o desenvolvimento da sua prática” (ASSUSÇÃO, 2012, p. 13).

Na versão europeia, chamada pelos alemães de Faust-Ball, esse esporte era praticado por equipes onde cada uma poderia ter entre 02 a 09 integrantes. A dinâmica de jogo era pautada no repasse da bola para o campo adversário utilizando os punhos e o limite máximo de toque ao solo não poderia ser maior que duas vezes (BIZZOCCHI, 2000, p. 16).

Na adaptação americana, datada nos anos de 1895, foi buscando alternativas para praticantes do Basquetebol e do Tênis que se encontravam limitados fisicamente ou necessitados de novas atividades que o entretencem, que Willian George Morgan apresentou um jogo chamado de *Minonette*, que no ano seguinte passaria a se chamar de *volleyball*, com adaptações na altura da rede, tamanho e peso da bola. (BIZZOCCHI, 2000, p. 17-18).

Após a criação e aceitação por parte da população americana de Massachusetts e redondezas, Willian George Morgan passa a trabalhar nas pesquisas para desenvolver as habilidades técnicas e potencialidades físicas do jogo, deixando o desenvolvimento das regras esportivas para os membros da Associação Cristã de Moços de Springfield. Porém, os esforços para difundir o esporte em todo território americano esbarra na maior aceitação ao basquete e ao futebol americano, deixando o vôlei para a meia-idade e sem muita divulgação (ASSUNÇÃO, 2012; BIZZOCCHI, 2000).

O vôlei em si passou por muitas mudanças, não só no território americano, no início dos anos de 1900, regras e adaptações foram feitas desde a sua criação até os dias atuais, para

que esse esporte tivesse a configuração que apresenta hoje, exposta nas palavras de Sanches (2014, p.15), como uma prática essencial no jogo,

Jogado por duas equipes em uma quadra de jogo e uma rede. Para um melhor aprendizado tem-se uma série de versões do jogo para a prática, cada uma delas adaptadas a uma diferente forma que o jogo possa se adaptar aos diferentes alunos ou praticantes. O objetivo é enviar a bola por cima da rede, de forma que ela caia no solo dentro da quadra adversária, e impedir que o adversário faça a mesma coisa. Podendo cada equipe usufruir até três toques na bola, podendo também usufruir do contato com o bloqueio na tentativa de enviar a bola ao campo adversário.

Acredita-se que a grande mudança que firmou esse esporte no território americano foi à resolução governamental de 1915 que estabeleceu a entrada do Voleibol nas escolas americanas, tendo um primeiro campeonato já em abril de 1922. No cenário mundial, a partir dos anos de 1900 ele já se encontrava sendo introduzido em países próximos dos EUA, como Canadá e Cuba. A seguir, apresenta-se um quadro (Quadro 01) baseado nos textos de Bizzocchi (2000, p.19-21) e Assunção (2012, p.14), com a anuidade em que esse esporte passa a ser integrado a diferentes países e continentes.

Quadro 01 – Ano de inserção do Voleibol em diferentes países do mundo.

ANO	PAÍS (ES)
1900	CANADÁ
1905	CUBA
1908	FILIPINAS
1910	PERU
1912	PORTO RICO CHINA JAPÃO URUGUAI ARGENTINA
1914	INGLATERRA
1915	BRASIL
1916	PAÍSES EUROPEUS
1917	MÉXICO
1920	UNIÃO SOVIÉTICA

	PAÍSES BÁLTICOS
	POLÔNIA

(BIZZOCCHI, 2000, p.19-21; ASSUNÇÃO, 2012, p.14)

Entre os anos de 1917 e 1930 mudanças marcantes nas regras do Voleibol foram estabelecidas já que tal modalidade alcançava os diversos locais do mundo, evidenciando a integração via esporte. As palavras de Ferreira (2007, p. 13) expressam algumas modificações mais marcantes desse cenário. Conforme o autor,

Em 1918, o número de jogadores por time foi limitado a seis e, em 1922, o número máximo de toques na bola permitido foi fixado em três. Até os anos 30, o vôlei foi praticado mais como uma forma de recreação e lazer, e houve poucas atividades internacionais e competições. Isso devido ao fato que havia diferentes regras em várias partes do mundo. Entretanto, campeonatos nacionais já eram disputados nos países da Europa oriental, para onde o esporte foi levado pelos soldados americanos a partir de 1915, na 1ª Guerra Mundial. Também em função da 1ª Guerra Mundial, o Egito foi o primeiro país africano a descobrir o vôlei.

Após publicações de periódicos, com notícias e resultados do esporte no mundo inteiro, que se iniciaram em 1940, o Voleibol já era uma modalidade internacional e o foco era a sua inserção nos Jogos Olímpicos, principalmente quando se estrutura uma Federação Internacional para a modalidade, a Federação Internacional de Voleibol (FIVB). Antes de tal acontecimento, o primeiro campeonato mundial da modalidade que fora vencido pela Tchecoslováquia, em 1949, sete anos após o falecimento do idealizador de tal esporte coletivo. (BIZZOCCHI, 2000, p. 22).

Retomando a inserção do Voleibol ao programa de modalidades esportivas dos Jogos Olímpicos de Verão, foi após algumas tentativas de inserção que o mesmo foi aceito para estreiar em 1964 nos Jogos de Tóquio, contando com dez equipes masculinas e seis femininas a disputarem a glória do esporte, que é o primeiro lugar nos jogos.

A partir de 1964 o Voleibol cresce estruturalmente, sempre lotando os ginásios, e oferecendo estruturas com suporte para públicos em crescente. A inserção na olimpíada faz a busca pela excelência ser a cada ano maior, e ano a após ano as técnicas de execução de tal esporte aprimoram-se encontrando nos dias atuais nos níveis máximos da capacidade física do ser humano.

Nesse cenário de busca por movimentos perfeitos e execução limpa dentro desse esporte, muitos países marcam a história de tal modalidade por dominarem campeonatos por

longos anos com vitórias expressivas, ou então por criarem jogadas, ou por se destacarem em fundamentos com defesa, fortes ataques, criação de habilidosos levantadores/passadores/sacadores dentre outros aspectos do Voleibol. O quadro (Quadro 02) a seguir apresenta as principais escolas do vôlei e os países que representaram tais escolas.

Quadro 02 – As Grandes Escolas do Voleibol e seus países.

GRANDE ESCOLA OU INFLUÊNCIA	PAÍSES REPRESENTANTES	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
A ESCOLA SOVIÉTICA	União Soviética Bulgária Polônia Alemanha Oriental Cuba	Inseriu um voleibol mais competitivo e expedientes táticos até então nunca vistos como: infiltração de jogador da defesa para levantar, bloqueio duplo e variações de posições.
A ESCOLA TCHECA	Tchecoslováquia Romênia	Dinamicidade das organizações táticas e fortes habilidades dos procedimentos de ataque.
A ESCOLA ASIÁTICA	Japão China Coréia do Sul Peru Argentina	Rapidez e maior fluidez nas jogadas, além de desenvolver um grande potencial no campo defensivo. Uma alternativa encontrada para suprir os déficits de estatura dos jogadores asiáticos.
A INFLUÊNCIA AMERICANA	Estados Unidos da América Itália Holanda	Taticamente caracteriza-se por organizar os fundamentos de defesa (bloqueio e fundo de quadra), apresentando agilidade nos contra-ataques.

(BIZZOCCHI, 2000, p. 34-48)

Hoje o Voleibol é um esporte que gera montantes financeiros altos, visto a visão capitalista que sua federação (atualmente comandada pelo brasileiro Ary Graça Filho) adotou visando expandir a modalidade. Para os eventos que geralmente marcam os verões europeus e/ou americanos, com temporadas curtas no continente Asiático, o marketing do vôlei tem parceria forte com as emissoras de TV e dividem os atletas por categorias ou faixas etárias de

idade. Nesse contexto, o Brasil se insere como uma grande potência da era moderna, detentor de títulos olímpicos tanto no masculino quanto no feminino, sempre figurando nos pódios dos principais campeonatos desde os anos 2000.

As colocações de Assunção (2012, p. 15) corroboram com a ponderação do parágrafo anterior ao afirmar que:

Em constante evolução e desenvolvimento, o voleibol entrou no século XXI como um dos esportes mais praticados e admirados em todo o mundo. As transmissões dos principais eventos atingem milhões de telespectadores nos cinco continentes. A FIVB estima que, atualmente, existam 500 milhões de praticantes dessa modalidade, em todo o planeta, destes, 33 milhões são federados. A FIVB tem 218 países associados. Para nossa alegria, um deles é o Brasil, que se transformou em uma potência do esporte, fruto dos investimentos, da organização dos clubes, das Federações e da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), e, sobretudo, pela qualificação dos profissionais de Educação Física que atuam com essa modalidade em nível de competição (rendimento esportivo), que fazem com que nossos atletas e equipes apresentem ótimos rendimentos nas competições nacionais e internacionais.

Sobre o Brasil, no subitem a seguir, se apresenta uma contextualização da inserção do vôlei no seu território até os dias atuais, apresentando os fatos marcantes dessa periodicidade, baseados em grande parte nos textos de Bizzocchi (2000), Ferreira (2007), e Assunção (2012).

4.1.1 O Voleibol no Brasil

Como vem sendo mencionado desde o início do subcapítulo, o Voleibol é nos dias atuais um dos esportes coletivos mais disseminados em meio às populações, sejam elas economicamente desenvolvidas ou com economias emergentes ou subdesenvolvidas. Porém, a sua excelência, seja nas práticas amadoras ou profissionais em muitos países, a exemplo do Brasil, careceu de mudanças evidentes e marcantes para se consolidar. No Brasil, essas mudanças são notáveis desde o momento da sua introdução, por volta dos anos de 1915 (BIZZOCCHI, 2000, p.19-21).

Não se tem um documento oficial que ateste a sua chegada as terras brasileiras, mas em algumas pesquisas e fontes empíricas, a chegada deu-se nas cidades pernambucanas favorecidas pelo Colégio Marista. Ferreira (2007, p.13) remete a essa informação e insere mais dados sobre a chegada desse esporte coletivo, ao afirmar que:

Não se tem registro de quando o vôlei chegou às terras brasileiras. Oficialmente, a primeira competição do esporte no país foi realizada em Recife (PE), em 1915, organizada pela Associação Cristã de Moços (ACM) local, e com regras e regulamentos definidos. Assim, tudo leva a crer que o esporte já era praticado informalmente antes desta data. A partir daquele momento, entretanto, colégios de outras cidades pernambucanas passaram a ter o vôlei como uma de suas disciplinas de educação física. Dois anos depois, em 1917, o esporte chegou à ACM de São Paulo.

Algumas informações a esse respeito são tão imprecisas que outros autores apontam que a chegada desse esporte nas terras paulistanas passa a ocorrer no ano seguinte a sua chegada ao país, e não dois anos depois como nas colocações de Ferreira. Na cronologia de Assunção (2012, p.15) evidencia-se essa imprecisão, já que para este autor, “para fins de padronização com a FIVB, que de acordo com os registros considera o ano de 1916, por intermédio da ACM, em São Paulo, como o ano de introdução do Voleibol no Brasil”.

O que é unanimidade entre os pesquisadores é que a mediação das primeiras competições foi realizada pela Associação de Moços Cristãos (ACM), e que a partir de 1916 passa a ser mediado por outros grupos e instituições. A seguir, apresenta-se conforme Assunção (2012, p. 15), os principais acontecimentos que estão compreendidos entre os anos de 1923 a 1956. Para esse autor os acontecimentos mais marcantes entre esses anos foram:

1923 - Primeiro grande passo para difusão do Desporto, com a realização de um torneio aberto, pelo Fluminense Futebol Clube. 1925 - Criação da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, com seu departamento de Voleibol (Torneios). 1931 - Introdução da Prática do Voleibol feminino (como recreação). 1942 - Criação da Federação Paulista de Voleibol. 1954 - Criação da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV). 1956 - Primeira participação brasileira em Campeonato Mundial – França.

A partir da década de 1960, o vôlei no Brasil apresenta-se bem disseminado, graças a estruturação da CBV, com dominação do cenário nacional por parte dos clubes de futebol, que passam a incorporar essas modalidades e aquecer os clubes no cenário nacional. Porém, no Brasil não se tinha garantias trabalhistas, essa era uma preocupação com o profissionalismo ligado a prática do Voleibol. O vôlei brasileiro ainda era muito amador, e isso prejudicou o país nas participações nos Jogos Olímpicos de 1964 e 1968 (BIZZOCCHI, 2000, p. 29).

Segundo Ferreira (2007, p. 14),

A grande virada do vôlei brasileiro começou em 1975, quando Carlos Arthur Nuzman assumiu a presidência da CBV. Nuzman lutou para que o Brasil

sediasse os mundiais juvenil masculino e feminino em 1977. Apostando na ideia de que marketing e esporte podem caminhar lado a lado, o dirigente atraiu a atenção das empresas para o esporte, o que nas Olimpíadas de Los Angeles possibilitou a criação de uma infraestrutura permitindo a profissionalização dos atletas, no início da década de 80, e servindo de exemplo para os outros esportes coletivos do país.

Nos anos de 1980, o Voleibol mundial é marcado por uma série de boicotes em competições internacionais, principalmente nos jogos de 1980. O Brasil que não fez parte do boicote americano juntou-se a competição repleta de socialistas, escola do vôlei marcante naquela edição dos jogos. O grande feito foi o país ter ocupado a quinta colocação, despertando assim o interesse da mídia para o esporte, e propiciando a vários atletas a saída do Brasil para disputar campeonatos fora do continente americano, mais precisamente em terras italianas.

A partir daí uma série de destaques foram sendo evidenciado pelas equipes nacionais no cenário internacional, e as principais estão dispostas a seguir baseadas nas periodicidades de Bizzocchi (2000) e Ferreira (2007):

- Primeira medalha da equipe masculina (bronze) em uma competição de Copa do Mundo no Japão em 1981. Ainda neste mesmo ano uma equipe juvenil conquista uma medalha de prata em uma competição realizada nos EUA. A equipe feminina entra em cena nesse mesmo ano vencendo a forte equipe peruana, e conquistando o Sul-americano daquele ano.
- Em 1982 o Brasil fica em segundo lugar em um mundialito que ele mesmo promoveu, perdendo a final para a forte equipe soviética, que o mesmo já havia vencido dentro do mesmo campeonato.
- Em 1984 o time masculino adulto conquista a tão sonhada medalha nos Jogos Olímpicos de Los Angeles.
- Em 1987 a seleção feminina juvenil do Brasil conquista o Mundial Juvenil.
- Em 1988 nos Jogos Olímpicos de Seul o time masculino perde o pódio ficando em quarto lugar na competição, e após alguns anos figurando no pódio, alerta as estruturas da Federação Nacional do esporte que passa então a reformular-se.
- Em 1989 a equipe juvenil brasileira vence mais uma vez o seu campeonato juvenil, sagrando-se assim bicampeã do torneio, e revelando jogadoras que

seriam conhecidas nas décadas seguintes (Virna, Márcia Fu, Fernanda Venturini, e Ana Moser).

- Em 1992 a equipe comandada por José Roberto Guimarães, hoje técnico supercampeão da equipe nacional feminina, conquista a tão sonhada medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona.
- Em 1994 as jogadoras da base juvenil, agora adultas, que tinham no ano anterior conquistado o Grand Prix, chegam a final do mundial, mas acabam sendo superadas.
- Em 1996 o vôlei que passa a ser disputado também em duplas, na praia, garantindo no feminino, duas duplas na final dos Jogos Olímpicos de Barcelona.
- Em 1997 a equipe masculina sagra-se campeã da Copa dos Campeões.
- Em 1999 a seleção feminina vence um dos jogos épicos contra a forte equipe de Cuba, sagrando-se campeã pan-americana e mais tarde, ainda naquele ano, conquista o terceiro lugar na Copa do Mundo.

A partir dos anos 2000 a equipe masculina apresenta-se mais estabilizada em termos de conquistas do que a equipe feminina, esta última sempre ficando no quase das conquistas dos principais campeonatos. Historicamente, as equipes masculinas e femininas do Brasil são as únicas que participaram de todas as edições dos Jogos Olímpicos.

Os homens então passaram a conquistar e/ou figurar nos pódios dos principais torneios que disputaram (Liga Mundial, Jogos Panamericanos, Sulamericanos, e Jogos Olímpicos), os últimos e mais expressivos títulos foram à conquista dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, e o vice-campeonato na Liga Mundial deste corrente ano (2017) também disputados no Brasil, só que no Paraná. As mulheres, a partir de 2004, consolidaram-se como uma das mais competitivas equipes no cenário internacional, principalmente após a chegada do técnico José Roberto Guimarães, conquistando assim o seu campeonato anual, o Grand Prix, nos anos de 2004/2005/2006/2008/2009/2013/2014/2016 e o último neste corrente ano (2017²). Além desses títulos anuais, tiveram os vice-peonatos nos mundiais de 2006 e 2010, o terceiro lugar no mundial de 2014, e as duas medalhas olímpicas de 2008 e 2012, nos Jogos de Pequim e de Londres respectivamente.

²A partir de 2018 os campeonatos anuais (masculino e feminino) receberão o nome de Liga Mundial de Vôlei.

É válido salientar que além das equipes adultas do Brasil, as equipes de categorias de base também conquistaram importantes títulos, sendo esses grupos a ferramenta de manutenção das equipes nacionais desse esporte coletivo em nível mundial.

Em terras brasileiras, o que nutriu as seleções por longos anos foram os campeonatos nacionais, fortes e com presença de jogadores estrangeiros consagrados. Aqui, após a hegemonia dos clubes de futebol como patrocinadores dos times que participam do principal campeonato (a Superliga), tem-se empresas, bancos, e ainda alguns clubes como fomentadores desse esporte. Em alguns momentos, clubes decretam falência das equipes adultas devido às crises financeiras que assolam o mundo e o país.

O Brasil vive hoje uma reformulação nas categorias de base e nos clubes, para tentar manter a hegemonia que o país conquistou e manteve nas últimas décadas. Muitos críticos preocupam-se com a manutenção e surgimento de jogadores, temendo o risco de ocorrer com o Brasil, o mesmo que aconteceu com grandes potências como Cuba, que após perdas de incentivos financeiros entrou em decadência no esporte.

4.2 O VOLEIBOL MEDIADO NA ESCOLA

Praticado e ensinado a princípio nas faculdades em 1912, o vôlei consegue ingressar no sistema educacional japonês nos anos iniciais da educação, sendo inicialmente um esporte de essência e prática escolar apenas para mulheres. Em 1915, esse esporte deixa de ser apenas de cunho universitário nos EUA e ingressa nas instituições escolares, em escolas primárias e secundárias (que equivalem ao Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio aqui no Brasil) por meio de um decreto governamental. Em 1920, é a vez de a China evidenciar a entrada desse esporte pelo viés educacional escolar nos anos iniciais da Educação Básica daquele país (BIZZOCCHI, 2000, p.19-21).

Nesse contexto, a escola passa então a ser o local onde o Voleibol é apresentado as crianças, desenvolvido dentro de um projeto de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física, local de aperfeiçoamento e um local possibilitando uma estruturação e condições de desenvolvimento no esporte, após a saída do estudante da escola. Tudo isso em faixas etárias que vão desde os 05 ou 07 anos de idade até os 19 anos, sendo estas faixas etárias em muitos países o tempo que compreende o ingresso e saída dos estudantes das escolas.

Após a massificação no meio social, ganhando adeptos e admiradores no mundo inteiro, o Voleibol passa a ser um dos poucos esportes coletivos que consegue fazer-se frente ao futebol, sendo que em alguns países, esse esporte chega a ser mais praticado do que a ação

coletiva com a bola nos pés. A grande aceitação e prática dessa modalidade coletiva, com o tempo, levou a necessidade de instrução e formação de profissionais que propiciassem o aprendizado dos fundamentos de tal esporte.

Então, entra em cena a figura do profissional em Educação Física como mediador da execução correta de técnicas e entendimento das regras desse esporte coletivo, que para muitos seria capaz de minimizar ou acabar com o atropelo que este esporte evidenciava do ponto de vista humano, em prol do alto rendimento da competitividade, em um cenário intenso que se disseminou depois das grandes guerras mundiais. (BIZZOCCHI, 2000, p. 52).

Um segundo fator que justifica a presença de um profissional qualificado para instrução, processo de ensino-aprendizagem, orientação ou repasse de informações sobre o Voleibol, é o fato da necessidade de execução correta de suas regras e técnicas, para um bom andamento dessa atividade.

Sendo mais enfático para justificar a formação de profissionais capazes de mediar à atividade do Voleibol, Bizzocchi (2000, p.51) diz que ele, “é um esporte de complexo aprendizado e sua maior dificuldade reside no fato de envolver habilidades não naturais ou construídas. [...] ele é baseado em gestos específicos, também chamados de fundamentos”. Desse modo, apenas a sua inserção como prática esportiva nas escolas de muitos países no mundo a partir dos anos de 1900, não seria o suficiente para garantir o seu aprendizado, seja pela prática amadora ou para o alto nível profissional.

Contudo, há de se deixar claro que,

como conteúdo-tema de uma aula de Educação Física Escolar, deve ser abolida a complexidade de seus movimentos, porque se esta prevalecer, a aula caminhará para uma seleção daqueles que têm melhor desempenho no jogo, tornando excludente um grande número de alunos e, invariavelmente será perdido o sentido da exploração de movimentos pelo aluno (SOUZA, 2007, p. 25).

Os profissionais ao desenvolverem em suas atividades os fundamentos do voleibol, deveriam nesse caso constituir uma mentalidade relacionada ao desenvolvimento dos alunos no que diz respeito a sua motricidade, deixando um pouco de lado o exagero que muitas vezes acometem a competição dentro do esporte.

Mas, tal realidade só vem a ser acreditada e possibilitada nos anos de 1980, com correntes de pensamento que modificaram a forma de pensar a Educação Física altamente tendenciada a desportividade competitiva. Na Educação Física e no Voleibol, anteriores aos anos de 1980, nada era modificado em prol da socialização, as regras e táticas precisavam apenas serem seguidas. Em todo esse período de tempo, o princípio de ensino dos esportes

coletivos a serem ensinados pelas escolas não se baseava em um processo “de integração entre ensino-aprendizagem-treinamento, pedagogicamente organizados, onde a base é a organização didático-metodológica, adequadamente estruturada, relacionada aos conteúdos inerentes a cada fase do desenvolvimento” (FERREIRA, 2007, p. 21).

No momento histórico destacado, “o esporte que penetra o espaço escolar é o esporte criado e praticado culturalmente na sociedade, com interesses diversos e conflituosos, certamente. Esse esporte é escolarizado e incorporado à cultura escolar” (VAGO, 1996, p. 11). E dessa maneira não se pode dizer que o Voleibol que adentra a escola no cenário internacional e nacional apresenta-se neutro ou sem intencionalidade, visto a construção histórica que já vem sendo realizada, onde durante anos as instituições militares e a medicina ditavam o ritmo e objetivos dos esportes (BRACHT, 1999, p.72).

O que fica claro é que em muitos países onde o Ensino Superior já era consolidado, e os cursos de Educação Física já formavam profissionais até então capazes de ensinar tal modalidade coletiva, a entrada do Voleibol pelo viés educacional não se apresenta resistente ou não se nega a aceitá-lo como esporte escolar. Mas, dentro das escolas o vôlei só passa a ser ensinado ora como caráter de integração e/ou socialização³ dos alunos, ora como prática esportiva competitiva, em uma visão educacional no mundo inteiro, como já mencionado, após os anos de 1980.

Aqui no Brasil, mesmo sabendo que o ensino dos esportes coletivos tinha ganhado força após 1950, esse modo de pensar um professor de Educação Física mais humano, formador de cidadãos críticos através de suas ações, passar a surgir nos anos de 1960, e consolidar-se apenas após os anos de 1980, com a crítica ao tecnicismo profissional a que muitos profissionais estavam se engajando. É válido destacar que após os anos de 1980 inúmeros métodos de ensino dentro da Educação Física surgiram para contrapor o método tradicional tecnicista (COUTINHO; SILVA, 2009, p. 118).

A educação a partir desse momento estabeleceria critérios, via professores, para o meio termo entre sociabilizar e descobrir potenciais esportivos de alto nível, através ora de práticas lúdicas, ora de práticas mais técnicas e específicas. A esse respeito Souza (2011 p. 05) chama atenção para escolhas equilibradas por parte dos professores, não valorizando apenas a versão competitiva, que sempre está presente nas modalidades esportivas escolares cujo objetivo é o desenvolvimento para o alto nível. O autor pondera que:

³ Segundo Samuski (2002, p.37), esta socialização é um “processo pelo qual a pessoa adquire capacidades sociais, como percepção social, o idioma, motivos e atitudes sociais, integração e comunicação social que lhe permitem agir adequadamente em situações sociais”.

é importante que a escola em conjunto com o professor promova o esporte não somente como uma atividade competitiva, supervalorizando os vencedores em detrimento dos perdedores, mas que proporcione o bem estar, prazer e qualidade de vida. Talvez esse desafio a ser proposto pela escola, apresente certa resistência por parte dos alunos, que somente vêem (sic) no esporte o lado da competição, não conhecendo muitas vezes os benefícios que este pode causar ao organismo.

O professor deverá facilitar o ensinamento e/ou direcionamento desse esporte coletivo, bem como motivar seus alunos durante as suas aulas. Dessa forma, promovendo um aprendizado de resultados mais coesos e satisfatórios para ambas as partes do processo. Cabe a figura do professor a tomada de uma série de decisões importante ao mediar não só o Voleibol, mas toda e qualquer atividade física na escola. A esse respeito Cavalcante (2003, p.12), relata:

Sempre que se vai trabalhar qualquer tipo de esporte na escola é preciso manter uma atenção dobrada, visto que o esporte praticado no contexto escolar vai apresentar uma série de mudanças que muitas das vezes são difíceis de controlar, pelo fato de os alunos já chegarem à escola, dotados de forte influência da cultura esportiva, com objetivos diferentes daquele praticado em um ambiente formal de ensino (escola).

É muito importante que na escola e na disciplina de Educação Física o Voleibol seja visto com atividade para o desenvolvimento corporal, uma vez que dificilmente as instituições escolares, a exemplo das brasileiras, são capazes de formar atletas em alto nível. (ASSUNÇÃO, 2012, p. 26). Em linhas gerais, o papel da Educação Física escolar na mediação de qualquer esporte, e do Voleibol, em última análise,

deve ser o desenvolvimento e a educação geral do indivíduo através de atividade sadia e interessante por intermédio da qual ele alcançará o seu máximo de capacidade física e mental e aprenderá a usar toda a sua qualidade inteligente e cooperativamente, como um bom cidadão, mesmo sob o mais violento estado emotivo” (The Physical Education Curriculum, 1944).

Em outras palavras, Sousa (2007) diz que “o voleibol escolar tem por objetivo promover o desenvolvimento das capacidades motoras, físicas e psicológicas dos alunos. É na Escola que o praticante [...] oportunidades de conhecer e praticar este esporte”. Sendo que neste ambiente esse esporte pode e deve ser praticado por todos os estudantes sem nenhum tipo de distinção.

Conforme Silva (2014, p.17), “no Voleibol Escolar, seguem-se as regras oficiais e os alunos buscam resultados [...]. O professor, no entanto, não deve estimular a obtenção de desempenho. Cabe a ele indicar e mostrar caminhos para o aperfeiçoamento da prática [...]”. Além de transmissores das informações técnicas e táticas, os professores devem atuar como educadores, formadores de cidadãos, formadores de opiniões e de atitudes.

Para nortear o trabalho do professor e as instituições escolares sobre a melhor forma de aplicar a Educação Física e as práticas esportivas, muitos países utilizam-se de documentos em forma de parâmetros ou diretrizes que são estabelecidas junto a metas a serem alcançadas, remetendo mais uma vez a intencionalidade que se mencionou no início desse subcapítulo. É comum também para fortalecer a educação, que junto a esses documentos, algumas políticas públicas, sejam elas educacionais ou sociais, sejam estabelecidas.

No Brasil hoje, por exemplo, tendo a Educação Física e a prática Desportiva como obrigatórias, existem os chamados Parâmetros Curriculares Nacionais, que buscam uma qualidade educacional pautada na formação para a cidadania. Essa formação de seres mais cidadãos inserem outros aspectos no Ensino dos Esportes, agregando a esses uma teoria fundamental para o conhecimento do histórico e acontecimentos mais marcantes das várias modalidades esportivas, além de fortalecer aspectos de solidariedade e companheirismo. Essa visão que hoje ganha espaço, pauta-se mais na sociabilização do que na competitividade, características que foram mencionadas até agora (BRASIL, 1997).

Para dar aporte a esse documento que norteia a educação brasileira, políticas educacionais e de valorização do esporte são criadas a critérios nas três esferas administrativas (Federal, Estadual, e Municipal).

Conforme todo exposto até aqui, fica claro que dentro da escola, um ambiente de vivência com as pluralidades, as práticas esportivas nas aulas de Educação Física, são capazes de elevar o nível de sociabilização, desenvolvimento cognitivo e motor dos alunos e revelar suas potencialidades perante o esporte, uma vez que as práticas pedagógicas dos professores estejam coerentes com essa intencionalidade. Dessa forma, o Voleibol, como esporte coletivo praticado nas aulas de Educação Física ao ser mediado da forma correta, é capaz de agregar uma série de benefícios para os seus praticantes, estimulando, valorizando e contribuindo com o desenvolvimento físico, afetivo, social e cognitivo, na aquisição de habilidades motoras, estimulando a satisfação, alegria e motivação.

Sendo assim, para realização de mediações adequadas e significativas do voleibol, os professores de Educação Física da Educação Básica necessitam de conhecimento e embasamento metodológico. Daí, a importância da atuação dos professores dos cursos de

Licenciatura em Educação Física nas aulas da disciplina de Voleibol, sendo os mesmos responsáveis pelas articulações entre os conhecimentos teóricos, metodológicos e práticos.

O que se percebe é que o ensino dessa disciplina na maioria dos cursos de Licenciatura ainda hoje, é ministrado apenas teoricamente ou restringindo as aulas práticas ao uso de técnicas aleatórias, sem um cuidado maior sobre que metodologias e métodos melhor se adequam a mesma. Sendo assim, os futuros professores advindos da licenciatura provavelmente apresentarão ação limitadora no processo de ensino-aprendizagem, dando ênfase nas suas aulas apenas ao esporte e a recreação.

Então, dentro dessa proposta de pesquisa, no capítulo a seguir serão contextualizadas as possibilidades metodológicas de aplicação do Voleibol, dando ênfase às metodologias que podem ser aplicadas no âmbito do Ensino Superior na Formação de Professores em Educação Física.

5. A FORMAÇÃO DOCENTE E AS METODOLOGIAS DE ENSINO DO VOLEIBOL

Nos últimos anos, é notório o crescimento das pesquisas científicas no âmbito da formação em Educação Física, em decorrência da inserção de diversos aspectos nas áreas que a envolvem, principalmente no viés educacional. Nesse sentido, inserem-se as tecnologias, novas formas de comunicação e apresentação, sem contar os aspectos que envolvem a globalização da técnica, informação e conhecimento. Nessa realidade, cabe aos professores de Instituições de Ensino Superior dos cursos de Licenciatura em Educação Física atentar para a atualização de suas práticas, buscando acompanhar a “evolução” que se propõe a ciência e a educação.

O maior reflexo e prova de que o docente precisa buscar por atualização da práxis é sua forma de lecionar, escolha dos métodos, metodologias, posturas em sala de aula, forma de avaliar-se e avaliar os seus alunos. E pensando sobre essas transformações citadas nos parágrafos anteriores, abordam-se nesse capítulo os seguintes pontos: a importância da formação docente e pesquisas nesse âmbito e como a formação docente pode interferir nas definições dos métodos/metodologias aplicáveis aos esportes coletivos, bem como do Voleibol.

Em um primeiro momento, tecem-se comentários sobre a formação docente do profissional em Educação Física e cuidados que devem ser observados nesse processo. Uma vez que “consideramos a formação docente como a preparação e emancipação profissional [...] para realizar a crítica reflexiva, e eficazmente um estilo de ensino que promova uma aprendizagem significativa nos alunos” (MEDINA; DOMINGUEZ, 1989, P.87).

A formação inicial é um dos processos mais importantes para um profissional em Educação Física, é nela onde uma série de concepções são apreendidas, desenvolvidas e refletidas. O profissional deve ter atenção e absorver uma série de técnicas e procedimentos que podem vir também a utilizar depois de graduado, a exemplo do uso de métodos e metodologias apreendidas nos componentes curriculares dos cursos.

Em um segundo momento, serão apresentados os métodos/metodologias de ensino dos esportes coletivos e do Voleibol, na perspectiva de autores que pesquisam e atuam na área em destaque.

Os estudos dos métodos e metodologias que se quer evidenciar auxiliarão a reafirmar que a “educação física nos dias de hoje é uma disciplina muito abrangente e que necessita ser analisada com outros olhos pelos docentes e pela sociedade. Uma vez que desenvolve todas as

aptidões necessárias para a formação de um futuro cidadão” (MILEO; KOGUT, 2009, p. 4945).

Dito isso, serão feitas colocações, classificações e nomenclaturas dos seguintes autores:

- Abordagem de Bolaños Et Al (2009);
- Abordagem de Greco (2001);
- Abordagem de Coutinho e Silva (2009);
- Abordagem de Resende e Rosas (2011);
- Abordagem de Costa (2007) para a classificação de Suvorov e Grishin (1998);
- Abordagem de Mendes, Matos e Pinho (2010) para os princípios analítico-sintéticos e globais-funcionais;
- Considerações de Casagrande (2012) sobre os Métodos Tradicionais e Ativos.

É importante deixar claro que não se pretende em nenhum momento aportar o método ou metodologia ideal ou mais coesa, ou a que apresenta mais resultados, uma vez que em seus momentos de existência, cada uma das propostas apresentadas obtiveram suas aplicabilidades aceitáveis e com críticas, o que propiciaram as inovações. Além de em muitos casos serem bem semelhantes do ponto de vista prático, apresentando diferenças apenas em suas nomenclaturas.

5.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO VOLEIBOL

Nos contextos atuais, mediar conhecimento válido, em qualquer Ciência, é algo que apresenta complexidades e configurações ímpares, dependentes de um arranjo ou emaranhado de ações planejadas. E no âmbito acadêmico de formação de professores, esse emaranhado de ações pode ser representado pelas práticas pedagógicas e metodologias utilizadas pelos professores para apresentar concepções epistemológicas da Ciência mediada. A formação de professores para atuação em Educação Física não foge do mencionado e necessita de apresentar aos seus discentes todas as possibilidades para uma atuação nas ações gerais ou em áreas específicas que lhe dizem respeito, como por exemplo, a atuação ou mediação da prática do Voleibol.

Dessa forma, a formação inicial de professores que apresenta “inquietações acerca dos saberes docentes, da formação crítico-reflexiva, da identidade dos professores, [...], ressaltando a importância da formação docente no sentido reflexivo, crítico, intelectual e transformador” (FONSECA, 2014, p.58), pode ser concebido como:

Um processo pelo qual, o/a professor/a aprende e desenvolve habilidades inerentes à sua prática. Nesta perspectiva, a formação do/a professor/a deve ser vista não só como uma habilitação para qualificá-lo/a como um/a profissional, mas como o desenvolvimento de acções (sic) que propiciem ao mesmo tempo, uma constante retomada dos conhecimentos específicos com os quais trabalha, dando a possibilidade de reflexões em torno da sua prática de forma a corrigir os constrangimentos e permitindo a actualização (sic) constante dos conhecimentos cognitivos. (MARÇAL, 2012, p.04)

Acredita-se que as reflexões aqui postas e discutidas frente à mediação do Voleibol, enquanto Componente Curricular dos cursos de Licenciatura em Educação Física, podem fazer avançar o desenvolvimento dos aspectos práticos que envolvem o direcionamento desse esporte. Sendo assim, é fundamental uma reavaliação pedagógica por parte dos docentes que lecionam esse componente, fazendo com que o Voleibol não seja visto como uma prática complexa, e sim como uma prática que exige técnicas específicas que podem ser trabalhadas e alcançadas “com a utilização de exercícios educativos adequados, assim como exercícios de fixação” (FERREIRA, 2007, p. 22).

Nos cursos de formação de professores em Educação Física, os docentes que lecionam o Componente Curricular de Voleibol devem facilitar o ensinamento de tal modalidade esportiva e motivar os seus alunos, futuros professores, a executarem as possibilidades apreendidas perante as diversas circunstâncias que os mesmos irão vivenciar no dia-a-dia. Visto que, o processo de ensino e aprendizagem do Voleibol, assim como de todo e qualquer esporte coletivo, apresenta-se rodeado de facetas que devem ser consideradas durante o planejamento das aulas.

Nesse sentido, Assunção (2012, p.16) pondera que:

O professor de Educação Física precisa estar altamente seguro dos objetivos aos quais deseja alcançar com a prática esportiva nas suas aulas, a fim de que possa aplicar mecanismos que viabilizem o seu fazer pedagógico através do jogo. O professor precisa ter uma visão ampla para que possa detectar no momento do jogo, o direcionamento ao qual sua aula está trilhando, para isso é preciso que esteja com os objetivos bastante definidos e a aula sendo desenvolvida de forma mediada.

Faz-se importante, então, “reconhecer e valorizar o conhecimento prévio que os alunos detêm por meio de suas experiências sociais e culturais, facilitando o ensino e a aprendizagem do esporte coletivo, pois eles trazem uma gama de experiências diferenciadas, facilitando a troca entre si e motivando a aprendizagem” (CASAGRANDE; CAMPOS, 2014, p. 80).

Para Bravo (2010, p.16) “o valor educativo do desporto resulta da natureza das experiências vividas, no interior de um processo de ensino/treino, que claramente, intencionalmente e sistematicamente, se oriente para a educação de valores, fortalecendo o desenvolvimento pessoal e social”.

Assim sendo, um dos caminhos para contemplar essa natureza das experiências vividas está no que Nóvoa (2001, s/p) chama de paradigma do professor reflexivo, entendida pelo mesmo como ação do “professor que reflete sobre a sua prática, que pensa, que elabora em cima dessa prática, é o paradigma hoje em dia dominante na área de formação de professores”.

Greco (1998, p. 48) corrobora com tal pensamento dos autores citados e menciona que,

A aprendizagem pode ser compreendida como a construção e modificação constante dos sistemas individuais de ação; a aprendizagem está ligada ao prolongado desenvolvimento e aumento da experiência de jogo que exige a apresentação de uma alternativa pedagógica, em que o jogo, na sua ideia básica, não seja alterado.

Existe a necessidade de propor alternativas de aprendizagem pelo simples fato de que nem todos os alunos que são submetidos a prática esportiva aprendem da mesma maneira, cada um assimila e coloca em prática o que aprendeu de forma diferenciadas. Deste modo, uma pedagogia e metodologia flexível a essas formas de aprendizagem diferenciadas são extremamente importantes.

Para Casagrande (2012, p.37):

é importante a determinação de abordagens metodológicas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem, medidas pela eficiência técnica, o rendimento esportivo e o desenvolvimento integral do praticante, seja atleta de alto nível, atleta escolar ou amador. Não se pode pensar o ensino e o aprendizado apenas para futuros atletas, mas um aprendizado eficiente para todas as crianças e jovens, pois a eficiência no ensino e aprendizagem constitui diferencial para a ampliação da motivação para o esporte de lazer e, conseqüentemente, para uma vida mais saudável.

É conforme a citação de Casagrande, exposta no parágrafo anterior, que se evidencia uma das maiores dificuldades encontradas na docência em Educação Física, uma vez que o ensinar deve transpor o simples ato de repassar conteúdos, e tornar-se uma prática ou suporte para o desenvolvimento pessoal e social dos educandos. Nessa ação, os professores devem apresentar funções didáticas e pedagógicas articulando-se nas práticas de atuação profissional (ALTET, 2001, p.27). Assim, acredita-se que,

as mudanças significativas se darão somente a partir do momento em que princípios epistemológicos críticos e esclarecedores fundamentarem as ações durante a formação docente, bem como o desenvolvimento profissional dos formadores (BASEI, 2012, p. 45).

Lecionar na formação inicial em Educação Física representa dar bases para construção do conhecimento e possibilidades de difusão desses conhecimentos nas atuações dos futuros profissionais. Durante o processo de formação, os docentes devem oportunizar aos discentes a obtenção de uma bagagem de informações de caráter científico, cultural e pedagógico, que lhes darão um mínimo de suporte para assumir a tarefa educativa de lecionar. (IMBERNÓN, 2000, p. 60). Segundo Basei (2012, p.51),

A docência no Ensino Superior exige dos profissionais competências e habilidades específicas que não se restringem à titulação de mestre ou de doutor; exige um domínio de conhecimentos específicos da área, a consciência crítica para questionar e contextualizar esses conhecimentos e para construir outros, proporcionando processos de aprendizagem, muito mais que o ensino, transcendendo assim a mera reprodução e repasse de informações.

A docência no Ensino Superior em Educação Física nos dias atuais apresenta-se em evolução, mediante as discussões sobre suas finalidades. Conceitos e princípios questionados, com práticas e metodologias cada vez mais refletidas, os pesquisadores estão buscando ressignificação para as ações mais tradicionais. (CASAGRANDE, 2012, p. 41). É necessário buscar uma formação crítica e reflexiva, aonde “não se pode deixar de considerar o professor formador, que precisa ter sua prática norteadada pela reflexão-na-ação” (FONSECA, 2014, p. 58).

Nas suas ações no âmbito de formação, os docentes em nível superior,

Precisam estar atentos ao público que irão trabalhar e possuir um vasto conhecimento sobre o conteúdo que será trabalhado e apresentado aos seus alunos. Cabe aos professores a organização da sua matéria e dos conteúdos a

serem passados em cada aula por eles ministradas, e também avaliar seus alunos conforme estabelecido ao início do processo pedagógico (MILEO; KOGUT, 2009, p. 4947).

Tal atitude irá possibilitar um profissional intelectualmente ciente dos desafios e de suas potencialidades frente ao mercado de trabalho do professor de Educação Física, muitas vezes subjugado, descreditado e desvalorizado.

E nesse sentido Altet (2001, p.29-30) aponta que para fugir dessa tradicionalidade é preciso construir os chamados saberes teóricos (o que ensinar, para quem vai ensinar e como ensinar) e os saberes práticos (procedimentos utilizados para mediar as aulas e apresentação de possibilidades de atuação profissional). Um professor que atua buscando colocar em prática esses saberes caracteriza-se como um:

Professor “autônomo”, “responsável”, “capaz de avaliação e de iniciativa” na adaptação criativa dos seus atos e de suas posturas perante as realidades do ofício é um praticante que ultrapassa o imediatismo da realização cotidiana de suas tarefas, pois posiciona a relação ensinar-aprender na dinâmica de um projeto para os alunos e para si mesmo na sociedade (BAILLAUQUÈS, 2001, p.44).

Faz-se necessário também deixar claro que é no decorrer de sua atuação, que cada “professor se desenvolve como pessoa e como profissional, constituindo-se em um sujeito que aprende e gera os conhecimentos necessários para o desenvolvimento de sua profissão no desenrolar de sua carreira profissional” (BASEI, 2012, 51). Esse processo de desenvolvimento auxilia na compreensão das disciplinas do currículo acadêmico consideradas práticas, que enfrentam problemas para disseminar conteúdo cultural, histórico e sociológico. A esse respeito Daolio (1998, p. 111-112) menciona que:

A formação atual de grande parte dos profissionais de educação física, que se dá na maioria dos mais de 150 cursos superiores espalhados pelo Brasil ainda não conseguem tratar o esporte nas suas dimensões históricas, culturais, sociológicas, econômicas, como fenômeno de marketing, etc. A grande quantidade de horas nas disciplinas que tratam o esporte nos cursos de formação profissional em Educação Física ainda é destinado aos aspectos técnicos das modalidades, fazendo que os alunos, futuros professores, pratiquem os fundamentos esportivos na duvidosa premissa de que basta aos alunos saberem fazer para saberem ensinar futuramente.

Tal constatação mesmo que não muito recente ainda reflete o que se evidencia nos dias atuais nos cursos de licenciatura. Por isso, se precisa enfatizar e trabalhar os diversos aspectos que envolvem as disciplinas de caráter mais prático, mesmo sem deixar de lado suas

teorizações e concepções epistemológicas. Entende-se dessa forma que o esporte nas grades curriculares dos cursos de formação de professores de Educação Física, deve ser assumido como um campo de estudo bem mais explicado e envolvido com os aspectos da realidade (GONZALEZ, 2004, p. 218).

Nesse sentido, refletir sobre o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) mapeando os métodos de ensino utilizados pelos docentes no âmbito dos cursos de formação de professores em Educação Física, para descrever o processo didático metodológico empregado nas aulas e, conseqüentemente, analisar o planejamento pedagógico em questão, configura-se como um caminho em prol da evolução dos componentes curriculares e suas práticas. “A partir disso, acreditamos na possibilidade de um aprofundamento e uma aproximação entre os “dizeres” e “fazer” dos professores universitários que os conduzam a uma reflexão sobre o papel da educação” (BASEI, 2011, 38).

A análise e reflexão desse tipo de documento com tal finalidade auxiliam a compreender as diferenças do discurso real da prática ideal. Essas diferenças quase sempre estão relacionadas a aflições que tanto os docentes como discentes destacam sobre realidades enfrentadas dentro dos ambientes acadêmicos. “A qualidade da formação em Educação Física está relacionada à preocupação sobre as insatisfatórias condições estruturais, físicas, pedagógicas e metodológicas que sustentam a formação nos diversos níveis desta área, desde a graduação até o doutoramento” (SILVA; ANDRADE; ZANELLI, 2010, p. 143).

Essa preocupação é destacada em diversas pesquisas dentro do âmbito científico e destacada nas palavras de Basei (2011, p. 37) ao afirmar que:

Nas últimas décadas, temos presenciado intensos debates em torno da formação de professores que partem de diferentes posicionamentos e são abordados sob diferentes pressupostos teóricos, apontando diversas estratégias para a construção do ser docente. Considerando a especificidade de nossa área de formação e atuação, é possível apontar que a formação profissional em Educação Física tem se dado nas Instituições de Ensino Superior e, constantemente, tem se constituído como foco de discussões na área. Essa questão se vê reforçada pelas reformas do ensino superior - com a extinção dos cursos ditos generalistas, em que nossa área foi subdividida em bacharelado/graduação e licenciatura, prevista pelo Conselho Nacional de Educação nas resoluções 1/2002, 2/2002 e 7/2004, e pelo aumento dos cursos de graduação.

O viés da construção docente, como menciona a autora, está pautado nas metodologias de Ensino, que comumente são confundidas com métodos, estratégias, técnicas, ou estilos de ensino. Ambos apresentam a finalidade de operacionalizar o trabalho docente frente aos

objetivos de aula, podem ser inúmeros em uma mesma prática e com possibilidades recursais também distintas.

O que na verdade se precisa entender é que o método constitui-se como o caminho a ser seguido na execução do trabalho docente, para aliar aspectos pedagógicos e científicos específicos. Já técnicas, metodologias, estratégias, estilos, ou outras nomenclaturas são o como fazer, o como chegar ao objetivo partindo de métodos específicos (LAKATOS, 2003). E é sobre o como chegar e fazer, que serão feitas algumas considerações nos subcapítulos a seguir.

5.2 AS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS APLICÁVEIS AO VOLEIBOL ENQUANTO ESPORTE COLETIVO E DISCIPLINA NO ENSINO SUPERIOR

Agora, serão apresentados, segundo alguns autores, o que os mesmos entendem e classificam como métodos e metodologias dos esportes coletivos/Voleibol. É válido destacar que em alguns momentos deparar-se no texto com significações e contextos semelhantes, mas com denominações diferentes, faz-se relativo, visto apenas algumas variações que métodos praticamente idênticos passaram a receber ao longo dos anos.

Bayer (2014) aponta que irá existir uma variedade de propostas que envolvem métodos e metodologias para ensino dos esportes coletivos, o que ele vem a chamar de correntes pedagógicas. Na sua concepção existe uma corrente bem tradicional (valorizando repetições, fragmentações, e memorizações), e outra que parte dos interesses e aptidões dos praticantes em um contexto mais ativo da prática coletiva. Nesse conjunto de concepções uma série de similitudes podem ser evidenciadas, apenas com nomenclaturas distintas.

Na literatura, podem-se encontrar as concepções apontadas por Bayer (2014) denominadas de Métodos Tradicionais e Métodos ativos. As metodologias que se baseiam nesses métodos podem ser significadas nas palavras de Saad (2002, p. 29) ao mencionar que as metodologias tradicionais,

baseiam-se nos princípios da simplicidade, da análise e da progressividade (decompõe-se em elementos da matéria a ensinar). Há dois processos fundamentais que participam de toda aquisição: a memorização e a repetição que permitem aplicar sobre a criança o rigor do adulto.

Já as metodologias ativas, para este mesmo autor, “levam em conta os interesses presentes da criança e que solicitam a partir de situações vividas, a iniciativa, a imaginação e a reflexão pessoal para favorecer a aquisição de um saber adaptado” (SAAD, 2002, p. 29).

Os Métodos Ativos são pouco mencionados por alguns pesquisadores, que consideram a evolução de alguns dos métodos tradicionais dentro dos aspectos didáticos do Ensino e Aprendizagem. Dessa maneira, por se acreditar que os mesmos ainda se inserem em um conjunto de propostas que não apresentam uma teorização ainda coesa no mundo científico, ou bastante semelhança com as metodologias participativas, não se aprofundará as reflexões nessa perspectiva.

Casagrande (2012, p.36) ao considerar a aceitação que os esportes coletivos apresentam na sociedade, ao evidenciar nos seus estudos o crescimento de práticas de diversos esportes, como por exemplo, o Voleibol, e preocupar-se com a inserção dos esportes dentro das escolas, também passa a considerar essa divisão dos métodos tradicionais e ativos.

Assim, dentro dessa primeira perspectiva de pensar os métodos e metodologias aplicáveis na Educação Física dos Esportes Coletivos/Voleibol, Casagrande (2012) faz a seguinte divisão apresentada no quadro 03.

Quadro 03 – Divisão dos Métodos em Tradicionais e Ativos.

MÉTODOS	
TRADICIONAIS	ATIVOS
MÉTODO PARCIAL OU ANALÍTICO	JOGOS TÁTICOS – TACTICAL GAMES
MÉTODO GLOBAL	MODELO PENDULAR OU TRANSFERT
MÉTODO MISTO (GLOBAL OU ANALÍTICO)	
MÉTODO DE CONFRONTAÇÃO	ENSINO DOS JOGOS PARA A COMPREENSÃO – TEACHING GAMES FOR UNDERSTANDING – TGFU
MÉTODO DO CONCEITO RECREATIVO DO JOGO DESPORTIVO	

Essa classificação criada por tal autor sistematiza uma série de nomenclaturas e conceitos que desde os anos de 1980 no mundo e no Brasil passaram a existir. O mesmo ainda faz menções a modelos de desenvolvimentos dos esportes dentro de uma educação desportiva atual, mediante todos os interesses na prática esportiva que podem existir tanto no âmbito do mundo acadêmico quanto nos espaços escolares ou de atividades afins.

É comum em pesquisas nessa área temática, encontrar considerações sobre as metodologias do quadro 03 de forma isolada ou com reflexões e colocações conceituais que divergem e convergem em muitos momentos, por isso é complexo afirmar quais delas são mais coesas, eficazes, ou quais os conceitos mais usáveis. Ao longo desse texto, evidenciar a afirmação anterior será simples, quando se defrontar com as objetividades dos métodos apresentados.

Partindo então das pesquisas realizadas por Bolaños et al (2009, p. 265), destacam-se algumas considerações sobre métodos que podem ser adotados nos esportes coletivos, como o Voleibol, em que o mesmo aponta os mais utilizados nos cursos de formação de professores (que também são direcionadas para uso na atuação desses futuros profissionais), sendo estes, o Método Analítico, o Global, recentemente o Estrutural e o Participativo. Os métodos citados vão desde o tradicional, abordados com mais ênfase desde os anos de 1980, até o mais atual.

As metodologias analíticas conforme autores como Greco (2001), Fradua Figueroa (1995), e Cano (2001), são caracterizadas pelo excesso de repetições nos exercícios direcionados a aprendizagem de alguma modalidade esportiva ou técnica esportiva em si, sem considerar o jogo como elemento chave.

Por exemplo, para a prática coesa dos fundamentos essenciais do Voleibol (toque e manchete), se faz necessário, repetições exaustas e posturas para o aprimoramento do mesmo, sem ao menos considerar as noções do jogo, mas sim as variações que possam existir (levantamentos em longas distâncias, levantamentos precisos em ralis, manchete para recepção em saques complexos, manchetes para recuperação de bola, dentre outras). Observe a figura 1 a seguir que representa o que fora mencionado com relação à execução da manchete.

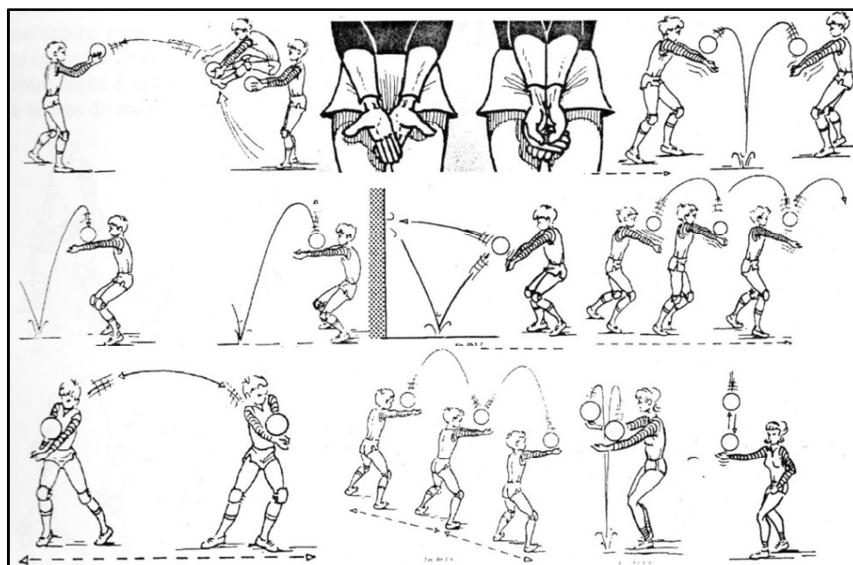


Figura 1 - Representação da postura e execução da manchete.

Fonte: <http://nortaldonprofessor.mec.gov.br/fichaTecnica/Aula.html?aula=15144>

As metodologias globais divergem das analíticas e representam fortemente todo o arcabouço e situações do jogo com finalidade, inserindo técnicas e recursos para a apreensão do esporte em si. No Voleibol, é como se ao mesmo tempo em que se aprendem rodízios, relações de bloqueio e defesa, posicionamentos para saques/defesas/recepções, fossem inseridos ou aprimorados os fundamentos (saque, defesa, manchete, toque e ataque).

Observe a figura 2 a seguir, que representa uma série de ações que podem ser aplicadas ao mesmo tempo dentro das metodologias globais.

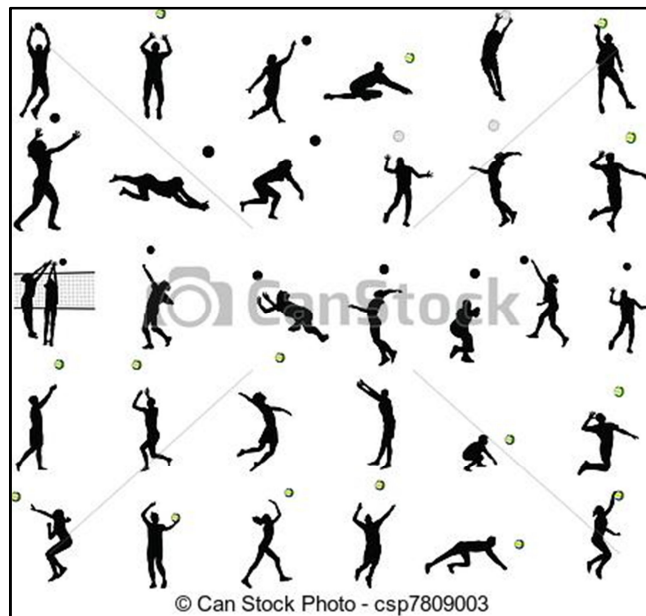


Figura 2 - Ações com bola que podem ser executadas no voleibol em metodologias globais. Fonte: <https://www.canstockphoto.com/volleyball-silhouettes-7809003.html>

Diferentemente da mecânica que existe nas metodologias citadas nos parágrafos anteriores, às metodologias estruturalistas e participativas são métodos que recentemente vem sendo trabalhados por apresentarem possibilidades que permitam ao professor de Educação Física criar, fugir ao tradicional, burlar déficits estruturais e recursais dentro das suas práticas nos ambientes acadêmicos, escolares e afins (BOLAÑOS ET AL, 2009, 270-271) (Ver figura 3 na página seguinte). As metodologias que esse tipo de método propicia são hoje foco para muitas instituições e docentes, visto algumas dificuldades que são encontrados em escolas e até mesmo nas IES.

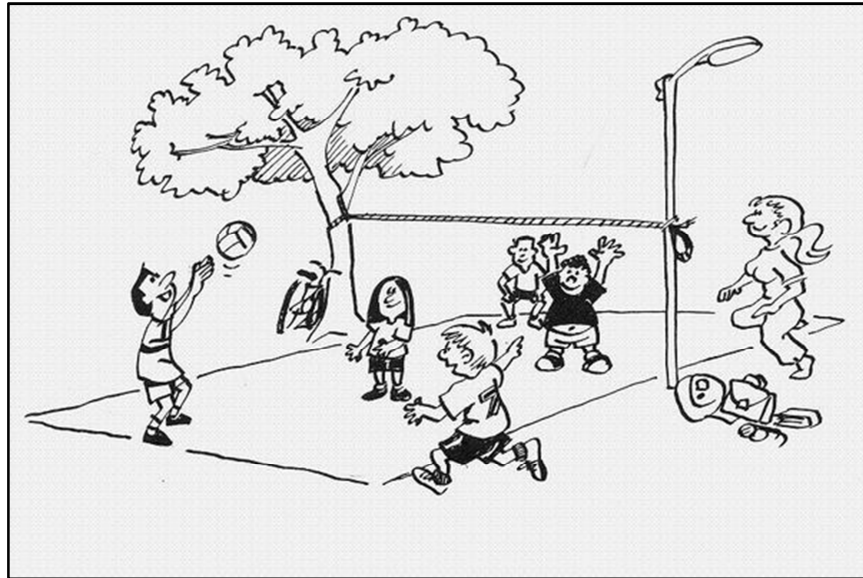


Figura 3 - Exemplo de aplicação de metodologias participativas e estruturalistas. Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=25589>

A figura 3 mostra a possibilidade de criar e modificar uma série de regras e condições para execução do Voleibol na sua forma ideal. Nela, tem-se a mudança no número de jogadores (no local de seis em cada lado, temos três), a ausência de elementos essenciais como a rede (que na imagem é substituída por uma espécie de corda), a dimensão da quadra é menor que a determinação oficial e a prática também é realizada em espaço diferente de uma quadra esportiva.

Para uso no Voleibol, assim como em outros esportes coletivos, López de La Nieta (2012) faz ponderações sobre as propostas metodológicas baseadas nos métodos globais e participativos que se acredita ser pertinente destacar aqui. Para o autor,

O termo global tenta enfatizar um dos aspectos essenciais desta metodologia, que é a de incidir de forma conjunta, tanto na condição física quanto na inteligência e na socioafetividade. Tenta-se fugir de uma prática da Educação Física baseada na aplicação quase que exclusiva de exercícios analíticos que, por si só, não estimulam a atividade física dos alunos. (LÓPEZ DE LA NIETA, 2012, p. 65)

Esse Método e suas propostas metodológicas não irão desprezar as práticas analíticas para aprimoramento de técnicas específicas dos esportes coletivos, mas sua finalidade irá ser o fortalecimento de práticas imaginativas e criativas para a prática dos esportes.

No que diz respeito a metodologias baseadas no Método Participativo, López de La Nieta (2012) afirma que “o termo participativa enfatiza outro importante aspecto que é o de tentar que o trabalho surja das necessidades psicológicas dos alunos e, portanto, seja assumido como algo próprio; é a forma de motivar a incorporação de atividade física no futuro”

(LÓPEZ DE LA NIETA, 2012, p. 66). Na participação, os professores e os alunos podem interagir e fazerem surgir propostas/planejamentos de aulas que visem relacionar teoria e prática, mediante desafios e dificuldades que passam a surgir. Esse método e suas metodologias propiciam a integração e valorização das diversidades/pluralidades existentes em cada sujeito que participa da ação.

A Figura 4 a seguir, configura a prática participativa, tomando como exemplo um Voleibol que naquele ambiente pode ser praticado mediante mudanças na altura da rede, nas dimensões da quadra, no número e idade dos participantes, inserção de pessoas com algum tipo de deficiência (cadeirante no caso da imagem), e mediante mistura entre os alunos e seus professores (profissionais com camisa amarela).



Figura 4 - Prática participativa e inclusiva do Voleibol. Fonte: <http://www.falacaragua.com.br/categorias/coluna-social/7o-forum-inclusivo-comeca-dia-1o-de-dezembro>

Dando continuidade às colocações sobre os métodos e metodologias de ensino para práticas da Educação Física, é preciso deixar claro que, vão existir outras abordagens/metodologias pautadas em diversos métodos e com diversas nomenclaturas, algumas delas estão presentes no texto de Coutinho e Silva (2009). São metodologias baseadas nos métodos: o método tradicional tecnicista de ensino, o método da série de jogos, o método dos jogos esportivos modificados, o método do professor Claude Bayer, o método situacional, o método crítico superador e o método crítico emancipatório.

Observe o quadro 04 a seguir que apresenta algumas características desses métodos conforme os referidos autores.

Quadro 04 – Métodos de Ensino para os Esportes Coletivos e suas principais características.

NOME DO MÉTODO	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
TRADICIONAL TECNICISTA DE ENSINO	Ensino de técnicas individuais dos esportes coletivos; Sistema de adaptações para o ensino de adultos e crianças.
SÉRIE DE JOGOS	Busca o aperfeiçoamento da motricidade dos participantes; Atenta para as formas de manuseio dos recursos que envolvem os esportes coletivos; Uso e ensino das táticas esportivas; Sistematiza os esportes e técnicas em complexidades crescentes que devem ser seguidas;
JOGOS ESPORTIVOS MODIFICADOS	Introduz o raciocínio e possibilidade de tomada de decisão própria dentro da prática desportiva; Oportuniza o desenvolvimento dos próprios jogos e formas de jogar por parte dos participantes (geralmente crianças); Geralmente os jogos praticados nesse modelo apresentam apenas a essência do esporte coletivo original.
PROFESSOR CLAUDE BAYER	Valoriza e defende a prática desportiva desenvolvida na infância; Destaca a importância de acompanhamento e adaptações das faixas etárias das crianças ao se submeterem aos esportes coletivos; Objetiva a quebra da mecanicidade empregada na prática desportiva.
SITUACIONAL	Foca na motricidade dos praticantes; Valoriza o desenvolvimento do sistema

	cognitivo dos praticantes.
CRÍTICO SUPERADOR	Organização, sistematização de técnicas e possibilidades de práticas é a essência desse tipo de método; Deve-se levar sempre em conta os aspectos não só cognitivos da pessoa que está praticando a atividade desportiva, como também as condições sociais que incidem sobre determinada forma ou prática.
CRÍTICO EMANCIPATÓRIO	Defende o desporto para além da técnica ou tática; valoriza o valor teórico, histórico e sociocultural que os esportes apresentam; Trabalho, interação e linguagem esportiva são os eixos que norteiam esse método; Estimula a oralidade durante as práticas esportivas e sua interação com a linguagem corporal.

(COUTINHO; SILVA, 2009, p. 119-124).

Esse traçado metodológico determinado por esses autores apresenta muita semelhança com as etapas de aprendizagem do Voleibol que já se mencionou no capítulo anterior, em que a criança conhece o esporte, gradativamente, com o passar dos anos e evolução da aprendizagem, a mesma passa a juntar elementos, técnicas e regras para uma execução de tal esporte em alto nível e/ou rendimento.

O quadro parece apresentar bastante coesão e aplicabilidade dentro das instituições escolares, e em todo percurso escolar. O mesmo remete a métodos e metodologias na Educação Física que advém do âmbito da didática, destaca três tipos principais: o método parcial, o método global, e o método misto.

Conforme Resende e Rosas (2011, p.07) o objetivo do Método Parcial é ensinar por um processo fragmentado até atingir a plenitude e execução correta de um movimento, técnica ou habilidade. Esse objetivo é semelhante a outra nomenclatura que praticamente representa os mesmos fins do Método Parcial, o Método Analítico-Sintético.

Para Mendes, Matos e Pinho (2010, p.5), o Método Analítico-Sintético que primeiramente foi aplicado aos esportes individuais apontam para o mesmo ponto do Método Parcial, aonde “as habilidades são treinadas fora do contexto de jogo para que, depois, possam

ser transferidas para as situações de jogo”. E de acordo com tais autores, "os representantes desse método partem do princípio que a divisão corrente do jogo em 'técnica', 'tática' e 'treino' deve também determinar a metodologia" (MENDES; MATOS; PINHO, 2010. p. 05).

Observe a figura 5 e veja como se pode exemplificar o que fora exposto no parágrafo anterior. A mesma representa a técnica para execução correta do toque, desde o posicionamento das pernas, passando pelo tronco corporal, até o movimento dos braços e das mãos. Nos treinos técnicos e táticos esses movimentos são sempre repetidos.

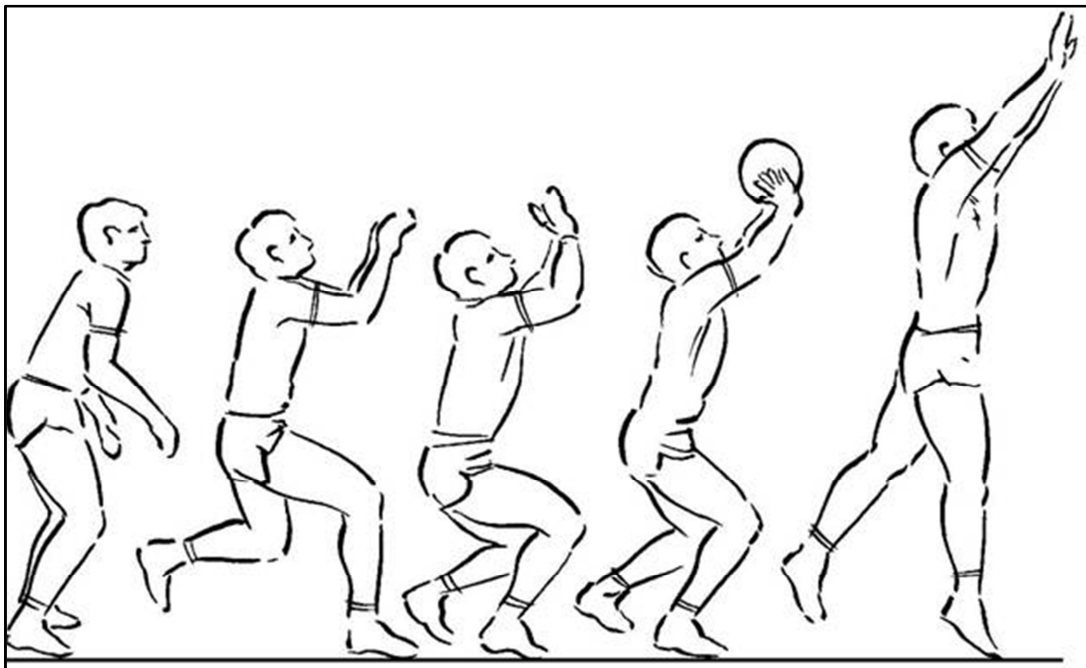


Figura 5 - Técnica correta para execução do fundamento toque. Fonte: <http://www.dicaseducaofisica.info/resumo-dos-fundamentos-do-voleibol/>

Essa correlação destacada aponta mais uma vez para o que se está mencionando desde o início desse capítulo, que é a semelhança nos propósitos dos métodos/metodologias, mas diferenciação nas nomenclaturas.

Já em contrapartida ao Método Parcial e/ou Analítico-Sintético, o Método Global surge como o ato de desenvolver junto aos alunos o conjunto de técnicas e habilidades em sua totalidade, ou seja, a repetição por completo de todo processo até atingir tal habilidade ou fundamento.

A visão didática, apesar de apresentar uma forte semelhança com os pensamentos analíticos e globais, difere-se na forma como os mesmos são aplicados. A sistematização de Resende e Rosas (2011) atentam para a didática na forma de inserir os processos, ou seja, ações mais explicadas, lúdicas, modernas, fugindo um pouco da mecânica e tradicionalidade.

Tais autores ainda apresentam como alternância ao método parcial e global, o método misto, que pode ser utilizado quando no processo de prática de uma técnica específica no seu

contexto geral, o aluno apresenta alguma dificuldade em determinada etapa. Essa dificuldade segundo eles deve ser sanada perante a execução com maior atenção da parte do processo em que há a dificuldade.

Essa visão didática perante os métodos/metodologias aplicáveis a educação física acabam sendo sistematizados em etapas na ou competências que o professor deve possuir, elencados por Alves, Pinho, Pereira, e Schild (2015, p. 111) da seguinte maneira:

Planejar as aulas de modo a criar melhores condições de organização e aprendizagem; Antecipar situações, imaginando cenários alternativos e estruturados de ensino; Conhecer as capacidades dos escolares, suas diferenças e aptidões e se valer disso quando planejam e avaliam; Apresentar um sentimento de compromisso e responsabilidade sobre os níveis de aprendizagem dos escolares.

Resende e Rosas (2011, p.8) ainda ressaltam que:

os métodos parcial, global e misto indicam a memorização como operação cognitiva predominante – o estudante aprende na medida em que sejam atendidos os comandos, ou sejam, realizadas as tarefas planejadas pelo professor. O Professor Telmo Pagana Xavier (1986) chegou ao detalhe de apresentar no seu livro o que julgou ser o adequado processo de aplicação desses métodos para o ensino dos movimentos característicos de cada modalidade desportiva, em função das diferentes faixas etárias.

Um exemplo de memorização que se pode aplicar a prática do Voleibol está no conhecimento dos seis posicionamentos existentes para cada um dos jogadores que adentram a quadra. A figura 6 remete a esses posicionamentos e, como na maioria das vezes, são repassados para os estudantes.



Figura 6 - Rodízio dos jogadores no Voleibol. Fonte: <https://sportsregras.com/voleibol-fundamentos-historia-regras/>

A memorização destacada na citação anterior e na imagem é algo que muitos autores didáticos descartam, uma vez que a aprendizagem é mais importante. De certa maneira, uma nova abordagem teórica que remete a aprendizagem, mesmo dentro da repetição de processos, advém dos estudos de Suvorov e Grishin (1998) que apresentam os processos explicativos (explicação e demonstração) e global-fragmentária (completo e por partes).

Bem atual e baseada nos autores que foram citados no parágrafo anterior, Costa (2007) expõe seu entendimento sobre os processos metodológicos que os autores definiram. Para ela, o método explicativo,

consiste em criar com os alunos uma representação correta do movimento que vai ser estudado; é comum alternar explicação (que deve ser curta e compreensível a todos) e demonstração; os alunos experimentam o movimento e as tentativas serão essenciais para a criação de uma representação do movimento na mente e no repertório motor dos alunos. Os autores afirmam que o estudo do fundamento técnico nessa fase inicial deve ser realizado em condições simples, para que os alunos possam dominar sua estrutura básica; a estrutura dos exercícios específicos deve aproximar-se do fundamento técnico, porém sua complexidade deve corresponder às verdadeiras possibilidades dos alunos.

Pode-se tomar como exemplo de representação explicativa, uma aula onde o professor vai demonstrar aos seus alunos a movimentação correta de como golpear/atacar a bola e, em seguida, pede que os mesmos passem a repetir o passo a passo demonstrado na figura 7.

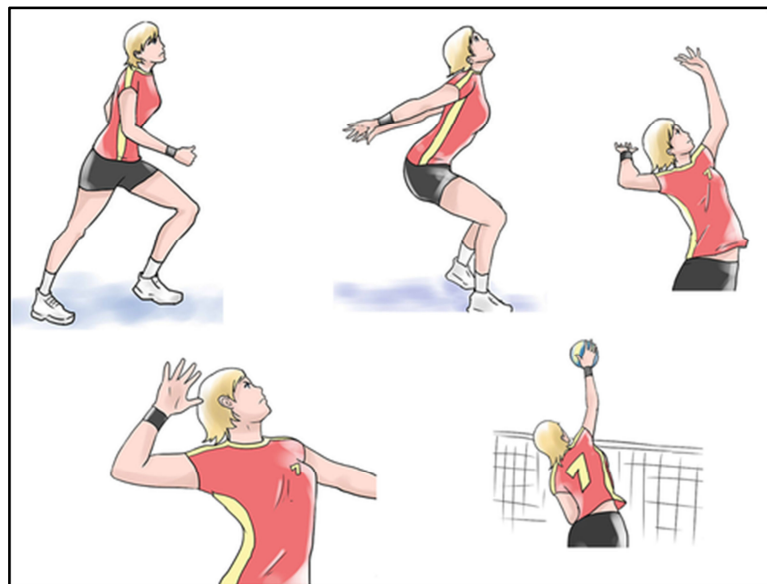


Figura 7 - Exemplo de representação para a execução do fundamento ataque no Voleibol. Fonte: <http://energiavolley.blogs.sapo.pt/os-altos-e-baixos-do-voley-reforcam-o-20678>

Ainda em menção a figura 7, apresentada anteriormente, pode-se inserir a ideia do Método global-Fragmentário, apresentando aos alunos o completo movimento do ataque para

que os mesmos possam executar, sem tanta preocupação com o passo a passo. Para Costa (2007), o método global-fragmentário,

é utilizado no ensino dos fundamentos técnicos. No global, os fundamentos técnicos são executados de uma vez, proporcionando melhor representação da ação como um todo, geralmente são utilizados nos fundamentos mais simples. Já no ensino fragmentado, o fundamento técnico é dividido nas partes que o constitui, porém não é interessante destinar muito tempo para o ensino de cada parte, deve-se levar o aluno a executar o movimento completo sempre que possível. Nesse método, o professor ensina o fundamento completo, depois por partes, para que o aluno aprenda como chegar ao movimento completo e, novamente, em sua totalidade.

Tais definições deixam claro que a repetição dos movimentos sejam eles parcialmente para o todo, ou fragmentado para o global, surtem mais efeito que a ação da memorização. Aprende-se nas tentativas e nos erros, e não nas memorizações do que seria ideal ou perfeito, uma vez que existe uma série de possibilidades para execução de movimentos e uma série de interpretações de técnicas.

Dentro do processo didático ainda se pode apontar o Método Global-Funcional, bem semelhante aos métodos globais que se está mencionando aqui, a diferença é a liberdade do criar e a importância que se dá a cada elemento para assimilação dos esportes coletivos. No princípio metodológico Global-Funcional,

série de jogos (recreativos, grandes jogos, pré-desportivos), representa a medida metodológica principal. Esse método (global) tem se mostrado mais consistente quando comparado aos analíticos, pois atende ao desejo de jogar dos alunos, conseqüentemente, estes ganham em motivação e o processo ensino-aprendizagem é facilitado (MENDES; MATOS; PINHO, 2010, p. 06).

Todos esses processos estão dentro das práticas ativas que muitos pesquisadores destacam, e que muitos docentes em Educação Física deveriam buscar trabalhar dentro de suas ações, seja no âmbito de Ensino Superior ou na Educação Básica. Eles são aplicados e representados em muitos locais no mundo inteiro. Por fatores teóricos, possuem similitudes e diferenciações temporais, “mas existe uma variável que permeia todos: que é o entendimento de que o conhecimento é algo complexo e que assim deve ser vivenciado pelo aluno e/ou atleta” (CASAGRANDE, 2012).

De maneira geral, acredita-se que tradicional ou ativo, deve-se utilizar metodologias que valorizam e enriqueçam o ensino e aprendizagem, que insiram o aluno como sujeito de destinação da prática coletiva.

Portanto, a formação de professores em Educação Física passa a ser debatida no mundo inteiro, visto a necessidade de encontrar caminhos que tornem o processo mais didático, menos tecnicista e mecânico, fazendo com que as teorias e possibilidades práticas possam ser mais bem assimiladas pelos estudantes. Sabendo que os profissionais que se encontram em ação nas instituições escolares e estabelecimentos afins atuam em sua grande maioria, como reflexo do processo de formação.

Por fim, formar professores no Brasil, com todas as suas variações socioeconômicas e étnico-culturais, requer uma reflexão constante dos docentes em nível superior, e essa necessidade é refletida nas mais diversas produções sobre tal temática, em eventos acadêmicos e em revistas científicas da área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo inteiro, fazer educação de qualidade não é fácil, aplicar corretamente as metodologias adequadas dentro de cada Ciência do conhecimento é sempre desafiador, então não seria diferente com a Educação Física, principalmente pelo fato de que seu período de criticidade e evolução ainda é, como se viu ao longo do texto, bem recente datado dos anos de 1980 até os dias atuais.

As metodologias que foram destacadas, que resultam das pesquisas e reflexões epistemológicas da Educação Física, são ímpares dessa ciência e, por isso, necessitam de um olhar específico, sempre relacionando seus objetivos com a práxis da educação.

Falar sobre possibilidades metodológicas no âmbito da educação não é nada simplório, não tem reflexão rasa, pelo contrário, as reflexões que podem ser feitas nessa discussão são inúmeras e densas, tornando-a um âmbito dinâmico e complexo. Nesse sentido, apontou-se para um texto descritivo, porém com breves considerações envoltas no texto que remetessem a essas metodologias ligadas ao Voleibol.

Não se tem dúvidas de que o Voleibol, enquanto esporte coletivo, ainda irá sofrer alterações ao longo dos próximos anos, visando, sobretudo, elevar ainda mais o contingente de praticantes e de espectadores. Essas mudanças como se viu são algo habitual e recorrente e fez desse esporte um dos mais praticados no mundo inteiro, sendo inclusive o segundo esporte praticado em muitos países, a exemplo do Brasil, ficando atrás somente do futebol.

A entrada desse esporte nas instituições escolares não se deu no mesmo momento em que a Educação Física passa a entrar em reestruturação epistemológica, então a prática desse esporte em muitos momentos foi supervalorizada, deixando de lado a relação da prática esportiva com os aspectos da Ciência. Em muitos países, de início, era praticado apenas por meninas, e com o tempo integrou-se as grades curriculares das instituições, já dentro do planejamento do professor de Educação Física.

Ao longo de toda sua história, seja como esporte ou como prática na disciplina de Educação Física nas escolas, o Voleibol fez história, e seus eventos foram motivos de glórias para diversos países em momentos distintos da história. Em cada momento, um país influenciava e deixava-se influenciar pela plasticidade e graça desse esporte coletivo. O Brasil não fugiu dessa realidade, e hoje é uma das grandes potências entre homens e mulheres, ostentando títulos importantes e campeonatos invejáveis.

Com a pesquisa, evidencia-se que paralelo ao grande sucesso desse esporte coletivo veio à preocupação com sua mediação correta dentro das escolas, exigindo de certa forma que os profissionais em Educação Física pesquisem e constituam métodos e metodologias aplicáveis a tal, levando em conta questões estruturais e recursais.

Desse modo, até hoje diversas interpretações sobre métodos aplicáveis aos esportes coletivos surgem no meio científico, muitas vezes com similitudes, porém com variações conceituais e nomenclaturas distintas. Ao longo da composição textual se conseguiu destacar tais relações entre os métodos e possibilidades metodológicas, o que acabou revelando o não surgimento de novas metodologias, mas sim atualizações ou reinterpretções das que passaram a surgir com o advento da crítica na Educação Física.

Observou-se que todos os métodos globais seguem o mesmo estilo de aplicabilidade e envolvem a relação da aprendizagem no geral, no contexto total de técnicas e conhecimento de regras e especificidades dos esportes coletivos, como o Voleibol. Já os métodos que fugiram a esse contexto, acabaram se encaixando nos processos sistematizados e decorativos. O que surgiu de diferente em relação ao método foram as formas de pensar o ensino de Voleibol, que ora é ensinado no geral, ora por partes.

Acredita-se que as considerações mais relevantes para o viés educacional são as estruturações metodológicas que surgiram quando a Educação Física passou a se preocupar mais com os aspectos pedagógicos e didáticos, pouco a pouco adquiridos e difundidos nos processos de formação de professores das diversas instituições do mundo e do Brasil.

Perante o exposto, acredita-se que tal pesquisa, que apresenta as correlações e as possibilidades de métodos/metodologias para os esportes coletivos como o Voleibol, apresenta-se relevante, uma vez que, para o seguimento do Voleibol no âmbito das licenciaturas a produção científica ainda caminha para um aumento de demanda. Essa foi a maior dificuldade no levantamento bibliográfico, encontrou-se pelo caminho diversos textos sobre os esportes coletivos, um percentual um pouco menor para as metodologias no Ensino de Voleibol e uma quantidade ínfima de tais produções para o âmbito do Ensino Superior, realidade bem diferente se o âmbito fosse o escolar.

Contudo, estudar propostas metodológicas é sempre pertinente, pois demonstra a preocupação com a atualização das práticas, para atender as demandas requeridas pelos discentes. E nesse sentido, a pesquisadora acredita ter atendido ao que se propõe a pesquisa acadêmica, dando assim possibilidades para novas interpretações, questionamentos, inferências e aberturas para novas pesquisas partindo do que já se iniciou.

Acredita-se que a preocupação com as metodologias no âmbito do Ensino Superior precisa ser mais efetiva nas produções e pesquisas científicas, pensando no reflexo que melhorias na formação inicial possam causar na escola, tornando-se o contrário do que ocorre nos dias atuais, em que a academia pesquisa a escola e descreve uma série de problemas sem muitas vezes propor mudanças.

Assim como na escola, o âmbito das instituições de ensino superior carece de melhorias recursais, estruturais, de maior desenvolvimento das questões humanas, dos aspectos procedimentais e metodológicos, então, pesquisas como essa podem de certo modo alertar para essas questões e fazer com que os cursos de licenciaturas em Educação Física progridam cada vez mais. Além disso, o entendimento dos métodos e metodologias, bem como a construção do conhecimento sobre elas, por parte dos docentes e discentes em formação, poderá fortalecer a prática desse esporte coletivo, além de claro, tornar a prática do professor de Educação Física mais coesa e fundamentada.

REFERÊNCIAS

ALTET, Marguerite. As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In: PAQUAY, Léopold; PERRENOUD, Philippe; ALTET, Marguerite ET AL (Orgs) **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** 2º Edição Revisada. Editora Artmed. Porto Alegre, 2001.

ALVES, Daniel Medeiros; PINHO, Silvia Teixeira de; PEREIRA, Flávio Medeiros; SCHILD, José Francisco Gomes. Métodos de ensino da educação física escolar utilizados por professores da rede privada. IN: **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**. p. 109-122. 2015.

ALVES, David de Abreu. Tecnologia Assistiva e inclusão: a construção da consciência espacial-cidadã de deficientes visuais. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

ASSUNÇÃO, Gileardy Pereira de. **Voleibol escolar: análise de procedimentos metodológicos da prática do professor de educação física**. Trabalho Monográfico do Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa Pró-Licenciatura da Universidade de Brasília - Polo Macapá – AP. Macapá, 2012.

BAILLAUQUÈS, Simone. Trabalho das Representações na formação dos professores. In: PAQUAY, Léopold; PERRENOUD, Philippe; ALTET, Marguerite ET AL (Orgs) **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** 2º Edição Revisada. Editora Artmed. Porto Alegre, 2001.

BALBINO, Hermes F. Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos. 2005. 262 f. (**Doutorado em Educação Física**) – Unicamp, Campinas, SP, 2005.

BASEI, Andréia Paula. As ações pedagógicas do professor de educação física do ensino superior: analogias com a trajetória formativa. In: **Acta Scientiarum Education**. Vol. 33, núm. 1, p. 37-47. Maringá, 2011.

BASEI, Andréia Paula. O desenvolvimento profissional e a construção da identidade do professor de educação física do ensino superior. In: **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. v. 11, n. 1, p. 44-60. 2012

BIZZOCCHI, Cacá. **O Voleibol de alto nível: da iniciação à competição**. Editora Fazendo Arte. São Paulo, 2000.

BOLAÑOS, Marco Antônio Cossio. Métodos de ensino nos jogos esportivos. In: **Movimento & Percepção**. v. 10, n. 15, jul/dez– ISSN 1679-8678 Espírito Santo do Pinhal, SP, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL, 1997. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**.

BRAVO, Luís Manuel Soares Dias. **Aspectos metodológicos em ambientes de educação desportiva**. Viseu, 2010.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cede**, ano XIX, nº48, Agosto/99.

CANO MORENO, O. **Fútbol: Entrenamiento global basado em la interpretación del juego**. Editorial Deportiva España. 2001.

CASAGRANDE, Cleber Garcia. **Ensino e aprendizagem dos esportes coletivos: análise dos métodos de ensino na cidade de Uberlândia-MG**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba-MG, 2012.

CASAGRANDE, C.G.; CAMPOS, L.A.S.; Esportes coletivos: análise na utilização dos métodos de ensino e treinamento no contexto da prática da educação física. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Várzea Paulista, v. 13, n. 1, p. 77-86, 2014.

COUTINHO, Nilton Ferreira. SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Conhecimento e Aplicação de Métodos de Ensino para os Jogos Esportivos Coletivos na Formação Profissional em Educação Física. In: **Revista Movimento**. v. 15, n. 01, p. 117-144. Porto Alegre, 2009.

DAOLIO, J. Fenômeno social esporte na formação profissional em educação física. In: **Revista da Educação Física/UEM**. p. 11-115, 1998.

FERREIRA, João Batista Braga. **O processo de ensino-aprendizagem do voleibol no contexto do programa segundo tempo nas escolas da rede municipal de ensino de Maceió**. Maceió, 2007. N° de páginas: 33 p. TCC (Especialização) – Universidade de Brasília. Centro de Ensino a Distância, 2007.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da. Formação de professores de educação física e seus desdobramentos na perspectiva dos processos de inclusão/exclusão: reflexões sobre Brasil e Portugal. **Tese de Doutorado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

FRADUA, L. FIGUEROA, A.L. Construcción de situaciones de enseñanza para mejora de los fundamentos técnico-tácticos individuales en el fútbol. In: **Apunts, Educación Física y Deportes**. (40), 27-33, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª Edição. Editora Atlas. São Paulo, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n.2, 1995.

GONZALEZ, Fernando Jaime. O estudo do esporte na formação superior em Educação Física: construindo novos horizontes. In: **Revista Movimento**. v. 10, n. 1, p. 213-229. Porto Alegre, 2004.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRECO, P.J. Revisão da metodologia aplicada ao ensino-aprendizagem dos esportes coletivos. In: **Iniciação Esportiva Universal 2. Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, p.39-56, 1998.

GRECO, P. J. Métodos de ensino-aprendizagem treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E. S. ; LEMOS, K. L. M. (Org.). **Temas atuais VI em Educação Física e esportes**. Belo Horizonte: Health, 2001. p. 48-72.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2000.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5º edição. Editora Atlas. São Paulo, 2003.

LÓPEZ DE LA NIETA, Manuel. A Metodologia. In: **Educação Física: Metodologia Global e participativa**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2012.

MARÇAL, Lena Maria Pires Correia Lopes. A formação inicial dos educadores: professores e professoras. In: **Rizoma Freireano - Rhizomefreirean. Instituto Paulo Freire de España**. Nº 12. 2012.

MENDES, Ricardo Rodrigues. MATOS, José Arlen Beltrão de. PINHO, Amílcar Cardoso de. Propostas Metodológicas da Iniciação Esportiva Escolar. In: **Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA**. 2010.

MILEO, Thaisa Rodbard; KOGUT, Maria Cristina. A importância da formação continuada do professor de educação física e a influência na prática pedagógica. IN: **Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE / III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Paraná, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Organizadora); DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 28º Edição. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2009.

NASCIMENTO, J. V. do; COSTA, L. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista de educação física/ Uem, Maringá**, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2004.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades. In: **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo, v.1, nº03, 1996.

NÓVOA, António. **Entrevista concedida ao programa Salto para o Futuro**. In: TV Escola e produzido pela TV Brasil, em 13 de setembro de 2001.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011. 72 p.: il. Manual (pós-graduação) – Universidade Federal de Goiás, 2011.

OLIVEIRA, Diego Andrade de. Esportes coletivos como conteúdo nas aulas de educação física escolar. **Monografia** apresentada a Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, 2015.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Pesquisas Qualitativas: referências para pesquisa em geografia. In: MARAFON, Glaucio José [et al]. **Pesquisa Qualitativa em Geografia: Reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

RESENDE, Helder Guerra de; ROSAS, Agostinho da Silva. Metodologias de ensino em educação física: os estilos de ensino segundo Mosston e Ashworth. In: FERREIRA, Eliana Lucia. **Atividades físicas inclusivas para pessoas com deficiência**. Mogi das Cruzes/SP: CBDCCR, 2011. p. 101-196.

SAAD, Michél A., **Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2002.

SANCHES, Walter Romano. Minivoleibol uma estratégia para iniciação no voleibol: métodos técnicos e práticos. **Monografia de Especialização apresentadas a Universidade Tecnológica Federal do Paraná**. Medianeira, 2014.

SEVERINO, ANTONIO JOAQUIM. **Metodologias do Trabalho Científico**. 23^o Edição Revisada e Atual. Editora Cortez. São Paulo, 2007.

SILVA, Rudney da; ANDRADE, Alexandro; ZANELLI, José Carlos. O discurso real e o discurso ideal de professores de Educação Física do Ensino Superior sobre docência. In: **Revista Movimento**. vol. 16, núm. 3. p. 133-154. Rio Grande do Sul, 2010.

SILVA, Eliane Souza da. Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa. In: **Formação de professores e o uso das geotecnologias no ensino-aprendizagem de geografia**. 2016. 169f. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN. João Pessoa, 2016.

SOUZA, Thiago Mattos Frota de et al. **A importância do voleibol enquanto lúdico e modalidade desportiva dentro da educação física escolar**. Anuário da Produção Acadêmica Docente, v. 4, n. 7, p. 115-124, 2011. Retirado de <http://sare.anhanguera.com/index.php/anudo/article/view/977/985>.

SOUZA, César A. F. de. Reflexões sobre a prática do voleibol no cenário escolar – Voleibol na Escola. **Monografia (Especialização)** – Universidade de Brasília. Centro de Ensino a Distância, 2007.

VAGO, T. M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: na negação radical a uma tensão permanente. **Revista Movimento-** Ano III, n. 5, p. 04-17, 1996/2.

TEODORESCU, I. **Problemas de teoria e metodologia dos jogos desportivos**. Lisboa: Horizonte, 2003.